

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Campus Experimental de Ourinhos

**REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DO TEMA
CHINA NA GEOGRAFIA ESCOLAR**

BRUNO ROCHA POSSETI

Ourinhos/SP
2016

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Campus Experimental de Ourinhos

REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DO TEMA CHINA NA GEOGRAFIA ESCOLAR

BRUNO ROCHA POSSETI

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora para a obtenção do título de Bacharel em Geografia pela UNESP-
Campus Experimental de Ourinhos, sob orientação da Prof.^a
Dr.^a Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena.*

Ourinhos/SP
2016

*Aos meus pais, que me inspiram e me fortalecem,
Dedico.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais Milton e Maria Helena e meus irmãos Helton e Aline que desde o início da faculdade sempre me incentivaram principalmente nos momentos mais difíceis. Não posso deixar de expressar minha imensa gratidão a minha noiva Gisele e minha sogra Ineide que sempre estiveram do meu lado e nunca mediram esforços para me fazer sentir em casa e acolhido. Amo todos vocês!

Gostaria também de manifestar o imenso apreço que tenho pela minha orientadora Dra. Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena que provou ser muito mais do que uma professora orientadora, me ajudou, incentivou e me disse que era possível mesmo com todas as dificuldades que eu iria enfrentar.

Agradeço também a todos os professores e funcionários desta Universidade, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho.

Um forte abraço pra todos os bons amigos da faculdade, morar, festejar, compartilhar, rir, viajar e conversar com todos foi simplesmente sensacional, passar alguns dos momentos mais felizes e engraçados da minha vida com vocês foi na verdade um enorme privilégio.

Bancaexaminadora

Prof.^aDr.^aCarla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena

Prof. Dr. Paulo Fernando Cirino Mourão

Prof.^a Mestre. Barbara Gomes Flaire Jordão

Ourinhos/SP, maio de 2016.

RESUMO

A China está entre os países de maior importância no cenário mundial tem ganhado cada vez mais espaço na economia global, e cada dia mais presente no cotidiano das pessoas. É o país mais populoso do mundo com cerca de 1,3 bilhões de habitantes e é o terceiro maior país em extensão territorial. Diante da inegável importância econômica que este país possui, o presente estudo tem como objetivo descobrir como a China é ensinada em algumas escolas públicas estaduais do município de Ourinhos/SP, durante o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, e constatar se isso ocorre de maneira satisfatória. A metodologia utilizada foi a análise de duas coleções de livros didáticos em uso nas escolas estaduais analisadas do município de Ourinhos/SP e documentos oficiais do governo federal e estadual. Pretende-se que este estudo seja útil como uma ferramenta de pesquisa para professores que abordarão a China em suas aulas de Geografia.

Palavras-chave: Livros Didáticos. China. Ensino de Geografia.

ABSTRACT

China is among the most important countries in the world scenario that has gained more space in the global economy and more and more present day in daily life. It is the most populous country in the world with about 1.3 billion people and is the third largest country in area. Given the undeniable economic importance that this country has, the present study aims to find out how China is taught in some public schools in Ourinhos / SP, during the Secondary School and High School, and see whether this is so satisfactory. The methodology used was the analysis of two collections of textbooks for use in schools and analyzed official documents of federal and state government. It intended that this study is useful as a research tool for teachers that will address China in their geography lessons.

Keywords: Textbook. China. Geography Teaching

LISTA DE FIGURAS

Figuras	Página
Figura 1. Retratos de chineses de diferentes Etnias	10
Figura 2. Quadro do conteúdo do primeiro ano do Ensino médio 2 bimestre.	17
Figura 3. Quadro do conteúdo do 3º ano do ensino médio 4º bimestre.	18
Figura 4. Gráfico – Corrente de comércio Brasil- China entre 2004 e 2014 (US\$ milhões). 19	
Figura 5. Mapa Político da China.....	25
Figura 6. Crescimento do PIB (%) da China e economias selecionadas.	26
Figura 7. Zonas Econômicas Especiais.....	28
Figura 8. Chinesa cuspiendo em público.....	29
Figura 9. Calça infantil chinesa.....	29
Figura 10. Crianças defecando em lugares públicos.....	30
Figura 11. Cigarros Chunghwa, uma marca de cigarros chinesa, que vem em embalagens diferentes quando vendido em Hong Kong e Tailândia.....	31
Figura 12. Aglomeração de pessoas na entrada da Cidade Proibida.....	32
Figura 13. Multidão disputando espaço na Cidade Proibida.....	33
Figura 14. Parque aquático Dead Sea, Suining, província de Sichuan, China.....	33
Figura 15. Regiões Separatista na China.....	34
Figura 16. Região de Xinjiang.....	35
Figura 17. Hohhot - capital da Mongólia Interior.....	36
Figura 18. Mapa Mundi	38
Figura 19. Mapa Mundi com enfoque na Ásia	38
Figura 20. Texto Apelo pelos urigues: habitantes do Xinjiang.....	41
Figura 21. Planisfério – Fusos Horários.....	43
Figura 22. Pequena caracterização do relevo da Ásia.....	44
Figura 23. Grossa camada de poluição encobrindo o sol.....	45
Figura 24. Recursos naturais e localização Industrial.....	48
Figura 25. Os 15 países mais populosos em 2011 e a projeção dos mesmos para 2050....	50
Figura 26. 4ª cúpula do BRICS (Brasil, Rússia, China e África do Sul) em Nova Deli, Índia, 2012.....	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. O ESTUDO DA GEOGRAFIA GERAL NA ESCOLA..	12
3. CARACTERIZAÇÃO DA CHINA	20
3.1. CONTRASTE CULTURAL.....	28
3.2. MOVIMENTOS SEPARATISTAS.....	34
3.3. MAPA MUNDI PRODUZIDO NA CHINA.....	37
4. ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	54

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, a China é o país mais populoso do mundo com cerca de 1.3 bilhões de habitantes. É também a segunda maior economia, com PIB (Produto Interno Bruto) de 7,3 trilhões de dólares (2011), e com estimativas que supere a economia norte-americana na próxima década. Além disso, o território chinês é o terceiro maior do mundo com cerca de 9,6 milhões de km². E é um dos maiores produtores de alimentos, destacando-se na produção de suínos e grãos, produzindo por ano, respectivamente, 500 milhões e 450 milhões (CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA BRASIL CHINA, 2011).

Quando o assunto é a China os números são quase sempre impressionantes, ela está presente em quase todos lugares do mundo e faz parte da rotina da maior parte dos habitantes do planeta Terra.

Hoje em dia, a China está por toda parte. Impelida pela economia que mais rapidamente se desenvolve no mundo, ela influencia nossas vidas de consumidores, nossos empregos e nossa cidadania. As palavras *made in China* são tão universais quanto o dinheiro. (FISHMAN, 2005. p. 10).

Apesar de tão presente no cenário mundial, nem sempre é fácil perceber o quanto um país tão distante do Brasil influencia tanto nossas vidas, aqui do outro lado do mundo.

Quando nós brasileiros pensamos em China nos vêm à cabeça produtos de baixo preço, eletrônicos, brinquedos, utilidades domésticas, ferramentas e até carros, que chegam a todo instante nos portos do país e que inundam nossas casas, escritórios e fábricas. Em um segundo momento, provavelmente lembraremos que a China é um país superpopuloso, enorme, e de história milenar, e mais alguma ou outra curiosidade, e por fim, nos damos conta que ainda conhecemos pouco sobre um país de tamanha importância no cenário mundial.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de se contemplar ou desmistificar o que é ensinado nas escolas públicas estaduais do município de Ourinhos/SP a respeito da China. É possível observar que tanto os livros didáticos quanto os professores nem sempre estão capacitados para retratar a atual realidade da China. Esse tema é reconhecidamente importante e presente em nossas vidas, porém, comumente é negligenciado nas aulas de Geografia. Esse fato ocorre por diversos fatores: material didático desatualizado; professores despreparados para relatar as atuais mudanças da sociedade chinesa, ou até a ausência da temática em sala de aula. Outro fator comum é a generalização, que muitas vezes a falta de conhecimento mais aprofundado sobre o tema gera falsetas que são ensinadas como verdade. Um exemplo que esclarece a afirmação anterior é quando se ouve a seguinte frase: *“Os chineses são todos iguais, têm a mesma aparência”*. Além do,

desconhecimento, a frase carrega um tom depreciativo sobre a população chinesa e sua cultura.

A população chinesa é formada por 57 grupos étnicos diferentes sendo que a etnia *Han* representa mais de 91% da população e pouco mais de 8% são distribuídos entre as outras 56 etnias. O idioma oficial é o mandarim e ele é falado pela maioria da população, porém, coexistem ainda mais de 50 línguas e 23 tipos de escrita diferentes. A imagem a seguir mostra como o quão diferente o povo chinês é entre si, os traços faciais, a cor da pele, a forma como se vestem, a maneira como se pintam e expressam suas culturas (CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA BRASIL CHINA, 2011).



Fonte: <https://imagineimedentrodeti.com/paixoes/steve-mccurry/>.
Acesso em maio/2016

Figura 1. Retratos de chineses de diferentes Etnias

Isso demonstra a grande complexidade da sociedade chinesa e nos alerta sobre o perigo de criar generalizações sobre ela. No mundo globalizado em que vivemos, com intenso tráfego de pessoas, mercadorias e informações que se deslocam extremamente rápido por todo o globo é de primordial importância formar pessoas preparadas para se relacionar com povos de outros lugares do mundo, entender e aprender com outras culturas e preparar o cidadão para um mercado de trabalho dinâmico e exigente. Dentro dessa discussão os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) orienta que os alunos do ensino

fundamental sejam capazes de se adequar ao mundo como ele é hoje, como podemos observar:

[...]Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (BRASIL, 1998, p. 7).

O Currículo do Estado de São Paulo também faz diversas menções sobre a necessidade de formar cidadãos que estejam preparados para o mundo altamente globalizado e tecnológico como podemos verificar:

[...]Reconhecer, localizar, descrever e comparar fatos, problemas, fenômenos, situações, lugares que expressem as diversidades e desigualdades regionais na escala global, como meio para compreender as disparidades que as envolvem. (BRASIL, 1994,p. 95).

Apesar de reconhecer essa necessidade, tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais, quanto o Currículo do Estado de São Paulo não faz menção direta à China em suas orientações. Nota-se uma carência de conteúdo, pois considerando os trechos citados anteriormente, seria impossível tratar de assuntos como população, comércio exterior, fluxo de pessoas, mercadorias, parceiros comerciais, cultura, tecnologia e tantos outros, sem lembrarmos da China em sala de aula.

Para além dos livros didáticos, o diálogo e o senso crítico devem ser incentivados por parte do professor por meio de debates e troca de ideias em sala de aula, mapas e representações geográficas, pois vão auxiliar no processo de aprendizagem e fixação do conteúdo. E principalmente, considerar a atuação do professor como o responsável por conduzir a construção do conhecimento dos alunos.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar como a China é estudada nas aulas de Geografia da Educação Básica a partir da análise de alguns livros didáticos utilizados nas escolas da rede estadual do estado de São Paulo. E propor outras opções de abordagens, identificando as possíveis falhas e/ou acertos.

Para contemplar o objetivo geral é necessário cumprir os seguintes objetivos específicos:

- Avaliar como o tema China é abordado nos Parâmetros Curriculares Nacionais e no Currículo Oficial do Estado de São Paulo (PCN's) e nas coleções de livros didáticos de Geografia para Ensino Fundamental II e Ensino Médio em uso nas escolas públicas estaduais do município de Ourinhos/SP.

- Analisar o mapa *mundi* do Atlas of the World, Knowledge Version, 2015 identificando como a China é representada e compará-la com os mapas brasileiros.

Para atender aos objetivos propostos foi analisado os Parâmetros Curriculares Nacional, o Currículo do Estado de São Paulo, e os livros didáticos da coleção Expedições Geográficas 1ª Edição da Editora Moderna (São Paulo / 2011), dos autores Melhem Adas e Sergio Adas para alunos de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. E os livros didáticos para alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio da coleção Áreas do Conhecimento 3ª Edição da Editora IBEP (São Paulo / 2013), das autoras Alice de Martini e Rogata Soares del Gaudio, afim de identificar as abordagens propostas pelos autores e detectar possíveis falhas. É importante ressaltar que os livros analisados, atualmente, estão em uso nas escolas públicas estaduais do município de Ourinhos/SP, e que os anos escolhidos para análise correspondem aos ciclos que o licenciado em Geografia pode atuar.

2. O ESTUDO DE GEOGRAFIA GERAL NA ESCOLA

A Geografia é a área do conhecimento que busca estudar o espaço geográfico e como o homem modifica e produz o espaço. Esse conhecimento nos revela a história de um lugar e as marcas que nele foram deixadas. Estudar Geografia não se limita a decorar os nomes das capitais e os principais rios de uma determinada região, mas sim entender como que se dá a relação do homem com a natureza e com ele mesmo. Estudar geografia é conhecer o mundo, estar preparado para se relacionar com o outro mesmo que ele não seja como você, é entender como o homem modifica o lugar que vive, é entender o mundo em que se vive.

A Geografia começou a ser ensinada a partir do século XIX quando a Prússia almejava fundar o estado-nação alemão. Depois que ficou provado que a Alemanha ganhou a guerra franco-prussiana porque seus soldados conheciam melhor o território disputado, a França instituiu a partir de 1870 o ensino de Geografia. Neste momento a Geografia tem a responsabilidade de mostrar o contorno do país e de observar o que o meio que o circunda, valorizando-o, criando respeito e admiração pela pátria e por seu povo, ou seja, a função do ensino de geografia era de formar o futuro soldado ou patriota (MELLO; VLACH; SAMPAIO, 2006, p. 2684).

Nesse sentido a Geografia surge primeiro como disciplina escolar e depois como ciência. O conhecimento do território acabou por carregar no ensino da Geografia, o valor pela identificação dos lugares.

No Brasil Colônia, entre os séculos XVI e XVIII, a educação foi ministrada por jesuítas e era claramente diferenciada entre indígenas e filhos dos colonos. Para os indígenas, valorizou-se a formação religiosa cristã, e para os administradores/exploradores da Colônia, uma formação humanista, através da leitura poética e romântica da paisagem na escola elementar, na época, o Ensino da Geografia acontecia diluído em textos literários (MELLO; VLACH; SAMPAIO, 2006, p.2685).

A escola pública para um grande número de pessoas, no Brasil, teve início a partir dos anos 1930 com a expansão urbana, a formação de um mercado nacional, a diversificação do processo de industrialização e a nova demanda por trabalhadores alfabetizados, como podemos observar na fala a seguir:

O direito amplo à escola, portanto, foi em grande parte conquistado a partir de pressões populares, malgrado o fato de que um mínimo de educação formal tornou-se necessário à reprodução do sistema a partir da revolução industrial. (VESENTINNI, 2006. p. 17).

Foi também a partir desta década que ocorreu a fundação de cursos superiores de Geografia em São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e Salvador. Com a abertura desses cursos tem-se o começo de uma nova fase e o desejo de desenvolver a Ciência Geografia com seu próprio objeto de estudo e com a pretensão de ser mais útil à sociedade, esse novo momento rendeu também estudos importantes sobre o território brasileiro (MELLO; VLACH; SAMPAIO, 2006, p.2687).

Existia uma notável diferença entre a Geografia ensinada nas escolas e os cursos de licenciatura em Geografia das universidades, pois cada uma apresentava preocupações e finalidades diferentes (SEABRA, 1984). No final dos anos 1970 a Geografia Tradicional era lecionada na escolas pautada na mera memorização e descontextualizada da realidade, desse modo, tornou-se extremamente desinteressante, tanto para os alunos, quanto para os professores. Nesse sentido, a situação foi se agravando a medida que os cursos de licenciatura em Geografia desenvolviam uma visão mais ampla e crítica da disciplina, o que contrastava com a realidade dos professores atuantes, naquele momento, nas escolas. Como resultado desse cenário houve a construção de espaços de diálogos entre a universidade e a escola, e também o desenvolvimento de pesquisas voltadas para o ensino de Geografia.

É importante ressaltar que tal questionamento ganhou força por meio de reivindicações de professores por mais “espaços de diálogos” sobre a educação, a questão da formação de docentes e a pesquisa voltada para o ensino de Geografia. Esse cenário é o plano de fundo dos anos 1960 também houve discussões sobre o papel das universidades em relação a educação básica, no entanto, no ano de 1964 com o Golpe Militar, tais discussões foram autoritariamente rompidas e muitos professores que discutiam a

importância de um ensino mais crítico e reflexivo tiveram suas ações severamente prejudicadas.

[...]a atuação de grupos que defendiam esses ideais foi limitada durante o período de vigência da ditadura militar que viveu o país após 1964, para só, mais tarde, com o início da abertura democrática, reaparecer e tomar força, mesmo que sob novos rótulos. No caso da nossa disciplina, o movimento de renovação, que durante essa época ficou reprimido e marginalizado, surge, no final da década de 1970, com o nome de Geografia Crítica. (OLIVEIRA, 1999, p. 209).

Neste momento histórico a Geografia era fortemente marcado pelo positivismo, não só a Geografia, mas todas as Ciências Humanas que se consolidaram neste período. O estudo geográfico era basicamente regional e pautava-se pela busca de explicações objetivas e quantitativas, fundamentos da escola francesa da época. O pensamento geográfico era caracterizado pelo mito da ciência não politizada com o argumento da neutralidade científica, tinha como meta abordar a relação do homem com a natureza de forma objetiva e elaborar extensos trabalhos regionais na tentativa de criar regras gerais que explicassem suas diferenças. Para *La Blache* a geografia era a ciência dos lugares e não a ciência dos homens.

O Lugar e a região eram vistos como dimensões objetivas resultas da interação homem-natureza. Atualmente, o conceito de lugar e paisagem estão sendo revistos pela nova Geografia. O Lugar deixou de ser o local aonde ocorrem as interações entre o homem e a natureza para incorporar as representações simbólicas que constroem juntamente com a materialidade dos lugares, e com as quais também interagem (BRASIL, 1998).

Foi somente no século XX que o Professor Carlos Miguel Delgado de Carvalho, formado na França e autor de livros didáticos no Brasil trouxe à discussão sobre a Geografia Moderna e Explicativa que já estava em evidência na França e na Alemanha. Essa nova Geografia possui um caráter explicativo e foi aos poucos sendo introduzidas nas escolas pelos próprios agentes, os professores (MELLO; VLACH; SAMPAIO, 2006).

A partir de 1970 as discussões sobre o ensino de Geografia e a própria ciência voltam para as mesmas questões: “*para quem?*”, “*quem usa?*” e “*por que?*” gerando debates que cada vez mais se preocupavam com a realidade dos fatos e com o ensino de Geografia nas escolas, tais questionamentos renderam inúmeras dissertações acadêmicas e uma grande valorização da Geografia nas universidades. A respeito dessa nova proposta Vesentinni faz a seguinte elucidação:

[...]E que essa escolaridade tem que ser fundamentada num ensino não mais “técnico”, como na época do fordismo e sim “construtivista”, no sentido de levar as pessoas a pensar por conta própria, aprendendo e enfrentando novos desafios criando novas respostas em vez de somente repetir velhas fórmulas (VESENTINNI, 2006, p. 20).

Ainda sob essa ótica Jaime Tadeu de Oliveira argumenta:

O espaço geográfico pode, e deve, oferecer elementos necessários para o entendimento de uma realidade mais ampla. Assim, a geografia não é a descrição sumária de dados e problemas e sua distribuição regional. Sem uso de instrumentos teóricos adequados, não se chega a uma análise e interpretação global dos fenômenos. Pensar as relações *espaço geográfico e sociedade, global e local, moderno e tradicional*, por exemplo, são aspectos indispensáveis para a elaboração de uma geografia que não seja meramente descritiva ou de localização. (OLIVEIRA, 2006, p.46).

As discussões atuais em Geografia Escolar passam pelas consequências deixadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, que veio ditar novas reformulações nas Licenciaturas, ampliando a carga horária da formação do professor; e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que indicam o Programa Oficial de Ensino a ser seguido no Brasil.

O ensino de Geografia tem passado por transformações notórias a partir do final dos anos 1970, principalmente no que se diz respeito a metodologia de ensino, se antes a memorização e aulas unicamente expositivas eram as principais ferramentas de ensino, hoje a realidade começa a mudar, pelo menos na legislação. Os PCN's alertam o professor sobre a pluralidade que existe em sala de aula, são alunos diferentes cada um com sua história de vida e sua bagagem de experiências acumuladas, e por serem diferentes entre si cada aluno interagirá de forma diferente com o conteúdo que está sendo apresentado. Portanto, cabe ao professor reconhecer essa realidade e apresentar variedade de recursos didáticos para que todos os alunos consigam captar o conteúdo, fugir da padronização e do enrijecimento do ensino representando um grande desafio a ser vencido.

Essa nova demanda no ensino de Geografia também pode ser observada nos PCN's.

Os avanços obtidos com as propostas teóricas e metodológicas da Geografia Crítica e da nova Geografia Humanista, colocando o saber geográfico como algo construído, guardando em si uma intencionalidade que deve ser desvendada, passou a permitir ao professor a possibilidade de um ensino de Geografia em que o aluno pudesse interagir com sua individualidade e criatividade não somente para compreender o mundo, mas também para construir o seu saber sobre esse mundo, fortalecendo sua autoestima. (BRASIL, 1998, p. 135).

As aulas nas escolas, como um todo, ainda são muito pautadas em aulas expositivas e leitura de textos dos livros didáticos, porém, é possível tornar essas aulas muito mais dinâmicas e menos enfadonhas através de uma abordagem diferente dos conteúdos. Para isso faz-se necessário estimular o debate, estabelecer relações entre o antigo e o novo, o específico e o geral, o individual e o coletivo. O Professor pode ainda utilizar recursos didáticos mais atuais e tecnológicos, quando não houver tais recursos disponíveis é possível ainda fabricar com os alunos o próprio material didático que pode ser um atlas pintado à

mão, um globo terrestre com materiais reciclados, um jogo de tabuleiro didático e tantas outras. É importante ressaltar que as condições de trabalho para os professores, a infraestrutura das escolas, e a estrutura socioeconômica dos alunos não favorecem a pesquisa e a diversificação de abordagens pedagógicas.

O Currículo do Estado de São Paulo e os PCN's possuem uma abordagem mais moderna em relação ao ensino de geografia que considera o contexto atual em que vivemos, ou seja, um mundo moderno, com grande fluxo de informações que exige profissionais com nível de estudo mais avançado do que em qualquer outro momento da história. Ambos documentos reconhecem a necessidade de formar cidadãos diferentes daqueles de uma ou duas gerações anteriores, o avanço tecnológico exige pessoas que consigam lidar com um mundo mais dinâmico e competitivo, podemos verificar esse aspecto a seguir:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. (BRASIL, 1998, p. 5).

Nesse sentido também podemos verificar no Currículo do Estado de São Paulo.

Este documento apresenta os princípios orientadores do currículo para uma escola capaz de promover as competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo. Contempla algumas das principais características da sociedade do conhecimento e das pressões que a contemporaneidade exerce sobre os jovens cidadãos, propondo princípios orientadores para a prática educativa, a fim de que as escolas possam preparar seus alunos para esse novo tempo. Ao priorizar a competência de leitura e escrita, o Currículo define a escola como espaço de cultura e de articulação de competências e de conteúdos disciplinares. (BRASIL, 2012, p. 7).

Apesar dos documentos apresentarem propostas modernas e de acordo com as necessidades de um mundo globalizado, não é feita nenhuma menção específica à China.

Por exemplo, o Currículo do Estado de São Paulo indica que para trabalhar a Globalização em sala de aula o professor deve abordar temas como a mobilização das fronteiras, conflitos internacionais, organizações políticas internacionais, pobreza e exclusão social, mercado mundial, parceiros econômicos e entre outros pontos, são feitas referências sobre os Estados Unidos, Europa e Extremo Oriente, porém, a China não foi mencionada neste contexto. Como se pode observar no quadro de conteúdo do primeiro ano do ensino médio, segundo bimestre.

1ª série do Ensino Médio	
Conteúdos	
2º bimestre	Os sentidos da globalização As mudanças das distâncias geográficas e os processos migratórios A globalização e as redes geográficas A economia global Organismos econômicos internacionais As corporações transnacionais Os fluxos do comércio mundial Fluxos econômicos na escala mundial
	Habilidades • Aplicar os conceitos de fluxos e redes geográficas • Analisar a influência da globalização na acentuação dos fluxos migratórios globais • Analisar as desigualdades relativas ao conhecimento técnico e tecnológico produzido pelas diversas sociedades em diferentes circunstâncias espaço-temporais • Definir e descrever os órgãos multilaterais e seu papel na ordenação das relações conflituosas, como o comércio • Descrever a organização econômica contemporânea como um fenômeno de escala mundial, responsável por reduzir a escala local a uma mera variável do sistema • Reconhecer a liderança de regiões do planeta (EUA, Europa e Extremo Oriente) nos fluxos econômicos globais • Reconhecer e descrever a importância do papel das corporações transnacionais na ordem econômica mundial contemporânea e sua estruturação em redes geográficas • Analisar a globalização e os processos de interdependência e de concentração econômica vinculados ao domínio de novas tecnologias • Analisar o papel dos organismos multilaterais na regulamentação dos fluxos de comércio mundial

Fonte: Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias. Ensino Fundamental e Médio. São Paulo 2012

Figura 2. Quadro do conteúdo do primeiro ano do Ensino médio 2 bimestre.

Outro exemplo é o quadro do terceiro ano do ensino médio, quarto bimestre. Ele indica que o professor deve abordar o tema das redes mundiais trabalhando os fluxos de

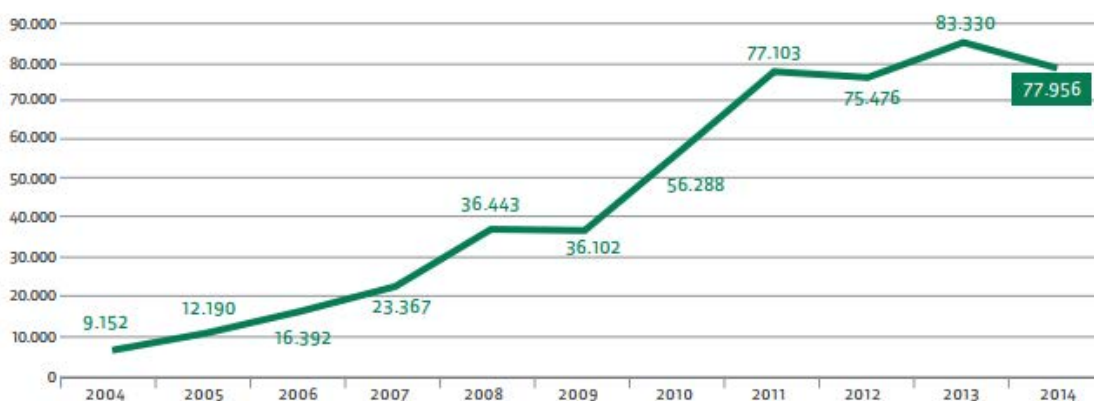
pessoas, ideias, informações e capital, e ainda cidades globais, no entanto, não orienta o professor a trabalhar esse tema utilizando a China.

3ª série do Ensino Médio	
Conteúdos	
4º bimestre	Geografia das redes mundiais
	Os fluxos materiais
	Os fluxos de ideias e informação
	As cidades globais
	Uma geografia do crime
	O terror e a guerra global
	A globalização do crime
	Habilidades
	• Reconhecer e aplicar os conceitos de recursos e fluxos materiais e imateriais • Reconhecer e aplicar o conceito de redes geográficas • Extrair informações sobre a distribuição das principais redes de fluxos materiais, indicando suas áreas de concentração e de distribuição • Extrair informações sobre a distribuição das principais redes de fluxos de ideias e informações, analisando as condições histórico-geográficas para a sua reprodução • Extrair informações relevantes de mapas temáticos e anamorfoses para identificar e localizar as denominadas cidades globais e suas áreas de influência • Ler e interpretar textos que distingam o conceito de terrorismo e identifiquem as suas principais formas e áreas de atuação • Ler e interpretar mapa sobre a atuação de redes terroristas, identificando áreas de atuação e interesses que as envolvem • Ponderar razões histórico-geográficas e socioeconômicas que justifiquem e expliquem a ampliação da atuação das redes criminosas em escala global • Destacar fatores responsáveis pela ampliação das redes criminosas globais e suas diferentes formas de atuação a partir dos usos das tecnologias da informação

No gráfico a seguir podemos verificar a corrente de comércio Brasil-China no ano de 2014, que totalizou US\$ 77,9 bilhões, de acordo com os dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. O número reflete uma queda de 6% em relação ao ano anterior, ainda que represente o segundo maior resultado de toda a série histórica. As exportações somaram US\$ 40,6 bilhões, representando um declínio de 12% em comparação com o ano de 2013. Já as importações advindas do país asiático totalizaram US\$ 37,3 bilhões, refletindo um pequeno aumento de 0,1%. Com estes resultados, o saldo da balança comercial entre os dois países fechou o ano de 2014 com US\$ 3,2 bilhões favoráveis ao Brasil.

Gráfico 1 – CORRENTE DE COMÉRCIO BRASIL - CHINA ENTRE 2004 E 2014 (US\$ MILHÕES)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) Elaboração: CEBEC



Fonte: http://www.cebc.org.br/sites/default/files/china-brazil_update_v.final_oficial.pdf
Acesso em maio de 2016.

Figura 4. Gráfico – Corrente de comércio Brasil- China entre 2004 e 2014 (US\$ milhões)

Como é possível observar Brasil e China são fortes parceiros comerciais e isso reflete não só na economia dos dois países, mas também na cultura com o contato entre os povos, e apesar desse forte laço entre os dois países, tanto os PCN's, quanto o Currículo do Estado de São Paulo, não alertam o professor sobre a importância da China para o Brasil. O currículo do Estado de São Paulo de 2010, indica os Estados Unidos da América para abordar temas como a "A produção do espaço geográfico global" no nono ano do Ensino Fundamental II, "Geopolítica do mundo contemporâneo" e "Economia Global" no primeiro ano do Ensino Médio, e por fim em "Globalização e regionalização econômica" no terceiro ano do Ensino Médio. É de fato muito importante considerar e trabalhar os Estados Unidos da América em temas como os citados acima, porém, é uma grande falha não considerar a China nesse mesmo contexto, qualquer aula sobre globalização e comércio mundial, por exemplo, que não a considere não irá contemplar o assunto de maneira satisfatória.

3. CARACTERIZAÇÃO DA CHINA

A China é o país mais populoso do mundo com cerca de 1,3 bilhão de pessoas e essa massa populacional possui características próprias e peculiaridades que dificilmente são encontradas em outros povos ou contadas em livros didáticos. Este capítulo destina-se a contar brevemente a história da civilização chinesa, baseado no livro de Fairbank & Goldman (2007). E ainda relatar aspectos econômicos, políticos e culturais da sociedade chinesa, e também, analisar as diferenças da projeção cartográfica cilíndrica ocidental e oriental.

A história da China é bastante complexa e profunda, devido a sua cultura milenar e a questão territorial, uma vez que a China possui um vasto território e com isso diferentes povos, costumes e culturas.

Algumas provas arqueológicas conseguiram identificar que a China foi habitada entre 550 mil a 300 mil a.C, sendo que alguns restos do *Homo-erectus* foram encontrados perto de Pequim e que datam de 460 mil anos.

Há documentos registrando a história da China que datam do século XVI a.C e por isso pesquisadores, juntamente com a tradição cultural, entendem que o povo chinês teve início no vale do Huang He ou rio Amarelo, através de *idades-estados*. Muitos restos arqueológicos tem sido identificados nos últimos anos, demonstrando a existência dos palácios, tumbas, reis e imperadores de diferentes dinastias.

Um dos elementos mais importantes da história da China são as dinastias, que conseguiram governar por milhares de anos, expandindo com sua influência e poder os vários territórios desse país.

Pela tradição chinesa a primeira dinastia hereditária seria a dos Xia (1994 -1766 a.C.), no entanto, algumas evidências históricas apontam para a dinastia Shang (1766 -1027 a.C.) como sendo a primeira. Essa dinastia governou o centro e o norte da China, sendo substituída pela dinastia Zhou (1122 - 256 a.C) que expandiu aos poucos a civilização para o norte. Com essa expansão muitas das *idades-estados* foram se tornando independentes e se rebelaram contra a dinastia, criando um período chamado de Reinos Combatentes (481 - 221 a.C.), gerando extrema instabilidade e insegurança política. No entanto, nesse período de crise surgiram movimentos intelectuais e filosóficos que acabaram por moldar todo crescimento do governo e da civilização chinesa para os próximos dois milênios, sendo eles o confucionismo, através do famoso filósofo Confúcio, o taoísmo e o legalismo (FAIRBANK; GOLDMAN, 2007).

Com a dinastia Zhou desestabilizada pelas guerras entre as *idades-estados*, um desses estados emergentes chamado Qin, utilizando-se das doutrinas do legalismo,

promoveu grandes reformas e anexou outros estados, criando um único império com administração centralizada e unificado culturalmente.

Iniciou-se assim a dinastia Qin (221 -206 a.C) ou também conhecido como início da China Imperial, como o primeiro imperador da China deu início ao nome China derivado dessa dinastia, sendo famosa por ter iniciado a construção da Grande Muralha da China, que depois foi expandida pela dinastia Ming.

No entanto, o modo de governo da dinastia Qin através do legalismo, centralizada na figura do imperador e com forte barreira para a oposição política, não se sustentou por muito tempo e o povo rebelou-se contra o imperador, dando início a dinastia Han (206 a.C.-9 d.C.).

A dinastia Han foi a mais duradora da era imperial, adotando a política do confucionismo, a qual foi a base ideológica de todas as dinastias da China Imperial. Nesse período a China teve grande avanços científicos e artísticos e principalmente territoriais, onde iniciou-se as primeiras atividades comerciais com o ocidente conhecida como Rota da Seda.

Mas a aquisição de terras consumiu altas quantias do governo, que por sua vez aumentou os impostos e gerou conflito com os camponeses que exigiam reformas agrárias, resultando no declínio da dinastia Han e início do chamado Período dos Três reinos. Os Três reinos eram advindos de três estados que buscavam a proeminência, porém, tiveram incessantes guerras entre si, deixando o império da China fragmentado e fragilizado, sem conseguir expandir e ainda perdendo terras ao norte para povos não-chineses.

Somente na dinastia Sui (581 - 618) a China foi novamente reunificada, utilizando-se do confucionismo, taoísmo e também do budismo como ideologias imperiais. Porém, essa dinastia também sobrecarregou os recursos e foi substituída.

Fundada por Liu Yuan, surge a dinastia Tang (618 - 907), uma era de prosperidade, com um governo centralizado e códigos de leis. Mantiveram-se as rotas comerciais para o ocidente e o budismo predominou como religião para o povo e a família imperial. O declínio da dinastia Tang veio através de várias rebeliões internas e de alguns estados, dispersando o poder político e econômico e criando o chamado período das Cinco Dinastias e dos Dez Reinos (907 - 960).

Essa época de vários impérios e fragmentação política foi substituída pela Dinastia Sung (960 -1279), que também ficou marcada pela divisão política, tanto que pode-se caracterizar esse período em etapa dos Song do norte (960 -1126) e etapa dos Song do sul (1127 - 1279). Houveram mais dinastias em outras localidades devido a essa fragmentação, onde pode-se salientar a ocupação dos mongóis, comandados por Gengis Khan, que conquistaram vários territórios e formaram o maior império conhecido até então. Conquistando Pequim em 1215, ele ampliou seu poder no norte na China e seu neto, Kublai

Khan, transferiu a capital mongol para Pequim e deu início a dinastia Yuan (1279 -1368) (FAIRBANK; GOLDMAN, 2007).

Contudo havia forte descontentamento dos chineses com os mongóis, gerando rebeliões e culminando por expulsa-los e iniciando-se a Dinastia Ming (1368 -1644). Esse período restabeleceu o governo civil e dividiu o país em 15 províncias, e foi marcado por fortes expansões comerciais, arrecadando divisas dos países vizinhos devido ao reconhecimento da supremacia chinesa. O palácio da Cidade Proibida foi construído, conquistou-se de parte do que hoje é o Vietnã, criou-se uma grande marinha e reforma agrícola para os camponeses, diminuindo a pobreza gerada pelas dinastias anteriores.

A Dinastia Qing (1644 -1911) foi comandada pelos manchus, povo estrangeiro ao norte, que assimilou a cultura chinesa, governando pela ideologia confuciana e expandindo os territórios para a Manchúria, Tibete, Mongólia, entre outros. Porém, no fim do século XVIII os camponeses começaram a ter problemas econômicos, o governo manchu entrou em crise política e social, somado a esse cenário o mercado do Ocidente e do Japão faziam pressão para que a China aumentasse seu comércio com eles.

Essa crise culminou com a Primeira Guerra do Ópio em 1840, na qual a China não aceitava mais comercializar o narcótico e a Grã-Bretanha insistia em continuar com o comércio. Os chineses acabaram por perder a guerra e se viram obrigados a ceder privilégios através do Tratado de Nanquin em 1842 para a Grã-Bretanha. Houve outra Guerra do Ópio e com isso mais tratados impostos ao governo chinês para concessões de vantagens às potências imperialista.

Nos anos seguintes a China continuava instável internamente e devido a vários tratados e concessões, estava aberta ao comércio internacional e dependente dos interesses europeus. A China se mostrava incapaz de reagir aos novos desafios e de acudir a população que passou por fomes extremas após as duas guerras do ópio. Os estados da China foram sendo anexados por outros países a partir de 1875, demonstrando total despreparo do governo chinês em lidar com o avanço ocidental em seu país. Com isso houveram grandes rebeliões como a chamada Rebelião Taiping e Levante dos Boxers, no entanto, as rebeliões só causaram sofrimento para a população chinesa e milhões de mortos, sendo sufocadas pelas tropas dos países ocidentais, que exigiram cada vez mais concessões e regalias no mercado chinês.

Insatisfeitos com o governo manchu, revolucionários se uniram a estudantes, comerciantes e grupos nacionais que queriam mudanças e se rebelaram em várias localidades da China, liderados por Sun Yat-sem. O comandante do exército manchu, general Yuan Che Kai, entrou em um acordo com os rebeldes, e tornou-se o primeiro presidente da República da China de 1912 a 1949.

No entanto, esse governo não existia de fato, pois o presidente não tinha limites em seu poder pessoal, mesmo tendo sido criado uma constituição e um parlamento. Durante a I Guerra Mundial a China sofreu fortes decepções com os países Ocidentais e principalmente o Japão, que anexou terras em Shandong, antes das possessões alemãs.

Com a morte de Yuan Che Kai, assume Sun Yat-Sen que começa a receber auxílio soviético e também se alia ao Partido Comunista Chinês, dando início às reformas políticas e sociais. Seu sucessor após sua morte, Chiang Kai-Shek, rompe com os comunistas, assume o controle do Partido Nacionalista, o Kuomintang, derrota os senhores regionais ao sul e unifica novamente o país.

Com a perseguição aos comunistas, tem início a segunda guerra civil(1927-1936), expulsando das bases no sul e leste da China os exércitos comunistas e seus chefes e matando milhares de pessoas. Por fim, no final de 1934 as tropas do Partido Comunista percorrem dez mil quilômetros a noroeste da China, evento conhecido como Longa Marcha e firmam base em Yan'an, região árida e inóspita da China, organizada por um novo líder, Mao Tse-Tung.

Durante a guerra civil, o Japão aproveitava a situação crítica e ameaçava tomar as regiões da Manchúria, Shanghai e Jehol, ao norte, e o governo pressionado também pela população que não aceitava a invasão japonesa, acabou por se aliar ao Partido Comunista e juntos criar oposição aos japoneses. No entanto, após a derrota do Japão na II Guerra Mundial, a guerra civil na China foi retomada e com o governo se negando a promover reformas fez com que Mao Tse-tung ganhasse prestígio entre grande parte da população.

Em 1949 o governo de Chiang Kai-Shek não resistiu ao avanço das tropas comunistas e se refugiou em Taiwan e Mao Tse-tung foi nomeado presidente da República Popular da China em 1 de outubro de 1949.

Nesse momento todos os territórios da China estavam conquistados e nos 3 anos iniciais do novo regime de governo, Mao Tse-tung iniciou uma fase de mudança econômica, mantendo a privatização na indústria, mas também promovendo a reforma agrária e tendo como política básica fazer da China uma sociedade socialista, estreitando alianças com a União Soviética e países comunistas vizinhos.

Porém ao longo dos anos foram impostos controles muito rígidos na economia, agricultura e na liberdade de expressão, um programa conhecido como o “grande salto adiante”, que acabou por fracassar. Isso gerou muitos conflitos entre os moderados e aqueles que realmente queriam o comunismo de Mao.

Diante desse cenário, em 1959 Mao abandonou a presidência mas, juntamente com seus seguidores, lança em 1966 a Revolução Cultural Proletária, consolidando sua influência no partido Comunista e no governo e com a intenção de acabar com ideias e

hábitos burgueses e trazer de volta a revolução política do comunismo original através dos jovens.

A Revolução Cultural foi um movimento de pensamento radical, que teve grande repercussão por todo o país e na vida dos chineses, fazendo de Mao um líder vitorioso e gerando assim uma nova Constituição em 1975.

Mao morreu em 1976 e seu sucessor no partido comunista, Hua Guofeng, governou através de políticas não tão radicais quanto de Mao. Em 1977, Deng Xiaoping foi designado substituto do primeiro ministro, favorecendo políticas para o desenvolvimento comercial e industrial e investimentos estrangeiros ao longo da década de 1980 e começo de 1990. O processo de liberalização e modernização da China foi acelerado também com a promulgação de uma nova constituição em 1982 (FAIRBANK; GOLDMAN, 2007).

No entanto, esse processo começou a enfrentar o descontentamento por parte dos jovens que reivindicavam mais democracia, sendo que 1989 ocorreu um evento marcante na história da China que foi a ocupação da Praça Celestial (Tiananmen) em Pequim, onde as tropas armadas do governo atacaram os manifestantes e fizeram muitas vítimas.

Em 1997, no Congresso do Partido Comunista, se firmaram novamente políticas semelhantes as criadas por Mao Tse-tung e do socialismo de Marx e Lenin, mas ao mesmo tempo foram aprovados programas de privatização de empresas estatais e abertura aos mais diferentes investimentos estrangeiros, fazendo com a economia da China tivesse um crescimento nunca antes imaginado. A abertura gerou altos índices no comércio exterior chinês, gerando mais empregos e elevação média do salário da população chinesa.

O território chinês está subdividido em 22 províncias, 5 regiões autônomas, 4 cidades administradas diretamente pelo governo central e 2 regiões administrativas especiais. O método de divisão do território chinês perdura desde 221 a.C. e tem o principal objetivo que é o de unificar todo o território ao longo dos séculos.



Fonte: <http://www.mapas-sobremesa-murales.com/mapa-mural-China-politico-logo-gigante-forex-foam-imantado.html>.

Acesso em Maio/2016.

Figura 5. Mapa Político da China

Nas últimas décadas a China tem investido pesado em equipamentos militares, tornando-se em uma das maiores potências militares do mundo. Além de, tradicionalmente comprar armamentos da Rússia, também tem desenvolvido suas próprias tecnologias, que muitas vezes são cópias de modelos russos e ocidentais. No entanto, aos poucos os chineses passaram a desenvolver aviões, tanques, submarinos e mísseis de alto nível, modelos esses que ainda estão em fase de teste, mas já provam a capacidade armamentista dos chineses.

Em 2015 a China realizou uma parada militar em Pequim marcando o 70º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial e desfilaram aproximadamente 12 mil militares, incluindo onze falanges de infantaria mecanizada, um comboio de vinte e sete formações e dez escalões da aviação, demonstrando claramente aos meios de comunicação internacionais que seu objetivo vai muito além de defender a soberania da nação (SPUTNIK BRASIL, 2015).

A nova estratégia militar da China articula publicamente inovações na maneira de pensar a segurança nacional em três áreas fundamentais: uma nova compreensão do quadro político para a força militar; as parcerias de segurança a serem aprimoradas; e capacidades de projeção de poder global para o Exército Popular de Libertação (SUANO, 2009).

O Brasil e a China são dois países que desejam estabelecer e manter projeção global, por isso em 2009 os ministros da Defesa de ambos os países assinaram um acordo militar que propõe reforçar ações de cooperação militar, intercâmbio entre militares, proteção da Amazônia, entre outros. Na visão do poder militar brasileiro, o Brasil e China são parceiros ideais em defesa, pois ambos os países são atores regionais que adotam postura independente no mundo, e possuem desafios e necessidades comuns no campo tecnológico (MINISTÉRIO DA DEFESA, 2015).

A China também tem uma das economias que mais crescem no mundo, embora tenha apresentado uma desaceleração recentemente. A média de crescimento nos últimos anos é de 7,5% ao ano, taxa superior se comparado as maiores economias do mundo. O Produto Interno Bruto da China atingiu US\$ 10,3 trilhões em 2015 o que a torna a segunda maior economia do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos que em 2015 fechou o Produto Interno Bruto com US\$ 17,9 trilhões. Estas cifras revelam que o PIB da China representa 15% da Economia Mundial (DAMAS, 2014).



Fonte: <http://pt.slideshare.net/ApexBrasil/marcos-lelis>.
Acesso em Maio/2016

Figura 6. Crescimento do PIB (%) da China e economias selecionadas.

A China nem sempre foi uma potência econômica, o crescimento econômico começou a partir de 1970 quando o então presidente Deng Xiao Ping assumiu o poder e promoveu uma ampla abertura de mercado, incentivando a instalação de empresas estrangeiras, que viram no país uma grande oportunidade de negócios. Até então o modelo de economia chinesa era o maoísta que intervinha fortemente na economia através do Partido Comunista Chinês e priorizava a propriedade estatal.

O modelo de crescimento da economia chinesa pautou-se na adoção de uma prática econômica chamada *Joint Venture*, em que as empresas estrangeiras que tinham interesse de se instalar na China teriam que se associar a uma empresa local, dessa forma o governo conseguiu que parte do investimento ficasse dentro do país (DAMAS, 2014). Além disso, as novas fábricas deveriam se instalar em regiões próprias previamente demarcadas em uma legislação específica, nas chamadas ZEE's (Zonas Econômicas Especiais). As Zonas Econômicas Especiais se localizam ao longo da costa Leste chinesa, essa escolha foi pensada para melhor fluidez da mercadoria para o Oceano. As zonas especiais são estabelecidas por meio de uma legislação mais flexível, com a redução ou até mesmo a isenção de impostos. Essas medidas visam atrair investimentos estrangeiros e absorver as inovações tecnológicas desenvolvidas nos países mais avançados.

As ZEE's e as cidades portuárias tornaram-se alvo de grandes investimentos realizados, sobretudo, por japoneses e norte-americanos. Os investidores também são atraídos pela existência de outras condições favoráveis, como o baixo custo da mão de obra e o gigantesco mercado consumidor chinês, que se apresenta como uma excelente oportunidade para o crescimento das empresas.



Fonte: <http://www.revolvy.com/main/index.php?s=Special%20economic%20zone>.
 Acesso em Maio/2016

Figura 7. Zonas Econômicas Especiais.

3.1. CONTRASTE CULTURAL

Mesmo a China estando tão distante do Brasil podemos reconhecer algumas características culturais em solo nacional, como as academias de artes marciais, as festas populares como o Ano Novo chinês que tradicionalmente é comemorado no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo, ou até, mesmo em decoração de interiores e elementos arquitetônicos. No entanto, mesmo o Brasil tendo um grande poder de absorção cultural existe alguns hábitos chineses que chegam a ser repudiados pela visão dos brasileiros, como a questão da higiene pessoal e coletiva.

Por exemplo, a medicina tradicional chinesa acredita que engolir a saliva é prejudicial à saúde, por isso os chineses possuem o hábito de cuspir sempre que acharem necessário, independente do lugar onde estejam, como bares, restaurantes, no trem, em casa, basicamente qualquer lugar é permitido cuspir. Além de, cuspir, os chineses de maneira geral, não veem problema algum em arrotar após ingerir alguma bebida ou após a refeição, o mesmo ocorre quando o assunto é a flatulência eles se sentem à vontade para se

aliviarem sempre que se sentirem desconfortáveis, a explicação para tudo isso é a mesma: colocar pra fora tudo o que traz desconforto para o corpo.



Fonte: <https://www.quora.com/Will-people-ever-stop-spitting-in-public>.
Acesso em 05/2016

Figura 8. Chinesa cuspiendo em público

Estes costumes, tão diferentes do mundo ocidental, são ensinados desde muito cedo na cultura chinesa. No caso das crianças defecar e urinar em público também é encarado naturalmente, tanto o é que as calças dos bebês e das crianças são especialmente projetadas para facilitar essa tarefa, existe uma fenda na região das nádegas e dos órgãos genitais que dá saída livre para a urina e fezes, como mostra a imagem abaixo:



Crianças usando calças com fendas é um dos **costumes chineses**

Fonte: <http://www.chinalinktrading.com/blog/8-costumes-chineses-curiosos/>

Figura 9. Calça infantil chinesa

Podemos ver por meio da imagem abaixo a naturalidade com a qual as crianças defecam em lugares públicos, desde bebês elas são incentivadas a fazer isso. Eventualmente chineses adultos também defecam em público mas essa prática é popular mesmo entre os bebês e crianças.



Fonte: <http://www.thecollectiveint.com/2013/06/chinese-parent-just-cant-control-their.html>.
Acesso em 05/2016

Figura 10. Crianças defecando em lugares públicos

Mesmo sendo considerados como maus hábitos pela ótica dos brasileiros, na cultura chinesa todos esses atos são naturais, e é preciso compreender que trata-se de uma cultura milenar completamente diferente da cultura brasileira, e em geral, da ocidental, e que possui suas próprias regras de comportamento, valores e princípios que devem ser respeitadas acima de qualquer estranhamento que elas possam causar.

Outro exemplo, é o hábito de fumar, que está profundamente arraigado na cultura chinesa, e inicia-se cedo na vida dos chineses, que são normalmente incentivados pelos pais e amigos. Estima-se que metade da população masculina da China seja fumante e isso representa cerca de um terço da população mundial de fumantes. Os cigarros são tão aceitos na sociedade chinesa que a troca de cigarro entre as pessoas funciona como uma espécie de cortesia social, como um simples aperto de mão. É comum as pessoas fumarem em lugares públicos, restaurantes, nos táxis, dentro de ônibus e até em hospitais.

A postura do governo em relação a esse grave problema de saúde pública é bastante ambígua se por um lado existe um esforço do governo de reduzir o consumo de tabaco através de campanhas de conscientização e leis que proíbam o fumo em locais públicos, por outro lado a fiscalização dessas leis é quase inexistente e o fato da agência estatal de tabaco na China se negar a colocar imagens de doenças causadas pelo tabaco

no rótulo dos maços de cigarro que são consumidos no mercado interno reforça ainda mais a posição ambígua do governo chinês. Apenas os maços fabricados para o mercado externo recebem esse rótulo de advertência à saúde quando o país importador exige.



Fonte: <https://www.epochtimes.com.br/>
Acessado em maio de 2016.

Figura 11. Cigarros Chunghwa, uma marca de cigarros chinesa, que vem em embalagens diferentes quando vendido em Hong Kong e Tailândia

A indústria tabagista na China é controlada pela estatal National Tobacco Corp, que gera por ano receita tributária para os cofres públicos na ordem de US\$ 95 bilhões e produz cerca de 97% de todo o tabaco produzido na China.

Estima-se que em 2030 cerca de 2 milhões de pessoas vão morrer em decorrência do uso do tabaco. Para evitar um verdadeiro caos no futuro o governo chinês estuda implementar leis muito mais severas em relação ao consumo do tabaco e até mesmo a aplicação de multas para estabelecimentos que permitam o consumo do tabaco ou que não possuam placas que sinalizem a proibição.

Outro fato curioso é a enorme competitividade entre as pessoas, o povo chinês que vive nas cidades é extremamente competitivo, por exemplo, o simples fato de pedir um táxi pode não ser uma tarefa tão fácil, não é incomum as pessoas disputarem um táxi, quando se faz o sinal para solicitar o serviço é preciso entrar no carro rapidamente pois se não o fizer alguém simplesmente entrará na sua frente, quando isso não ocorre é bem provável que você seja “forçado” a dividir o taxi com outra pessoa mesmo que os destinos não sejam na mesma direção.

Uma situação em que a competitividade por serviços chega a ser espantosa para quem não está habituado com essa constante disputa é o fato de ir ao banco e as filas nem sempre serem respeitadas ou até mesmo não serem nem montadas, não é incomum

encontrar um grupo de pessoas em volta da mesa do gerente com os braços esticados com seus documentos nas mãos disputando a todo custo a atenção do atendente.

Sair para passear e visitar lugares turísticos na China em um feriado prolongado pode não ser uma boa experiência se você não estiver preparado para passar por algumas situações difíceis como enfrentar lugares superlotados em que a simples tarefa de andar se torna um grande desafio, ou então ficar preso no trânsito que pode ter quilômetros de extensão, ou ainda ter que esperar por horas pra conseguir sair de dentro de um prédio. Seguem abaixo algumas imagens que são capazes de ilustrar essas características marcante de boa parte das cidades chinesas. Essas informações sobre a competitividade do povo chinês foram obtidas a partir da vivência do autor nesse país no período de agosto de 2013 a outubro de 2014.

Observa-se na imagem abaixo a entrada da Cidade Proibida que está completamente lotada por chineses aproveitando o feriado nacional.



Figura 12. Aglomeração de pessoas na entrada da Cidade proibida. POSSETI, 2014.



Figura 13. Multidão disputando espaço na Cidade Proibida. POSSETI, 2014.



Fonte: <https://www.reddit.com/r/pics/com>. Acesso em maio de 2016
Figura 14. Parque aquático Dead Sea, Suining, província de Sichuan, China.

3.2. MOVIMENTOS SEPARATISTAS

Algumas regiões chinesas buscam autonomia frente ao governo chinês, províncias onde a população original e majoritária considera o povo chinês um ocupante ilegítimo. Na figura a seguir podemos observar a localização dessas regiões e compreender um pouco de cada um dos movimentos separatistas.



Fonte: <http://professormarcianodantas.blogspot.com.br/2015/03/conflitos-separatistas-na-china.html>.
Acesso em 05/2016

Figura 15. Regiões Separatista na China

O Tibete está localizado a sudoeste do território chinês e faz fronteira com a Índia, o Nepal, o Butão e Mianmar, e também com regiões conflituosas de Jammu e Caxemira. É sabido que essa região sempre teve uma grande autonomia segundo relatos históricos que datam do século VII a.C.

Formado a partir de uma antiga dinastia militar o Tibete através de seus preceitos budistas forma um império pacífico desde o século VII. O principal cargo político é ocupado por um Dalai Lama que acumula funções políticas e religiosas. Apesar de ser considerado um Estado independente entre 1911 e 1950, a China alega que o Tibete faz parte de seu território desde século XVIII. Em 1949 iniciaram os atuais conflitos armados na região motivados pela revolução chinesa de Mao Tse Tung que buscou se apropriar de costumes e tradições tibetanas para usar a seu favor no ideológico do comunismo maoísta (SOALHEIRO, 2008).

O Tibete ainda vive em um confronto de perspectivas contrárias entre as autoridades tibetanas e chinesas, de um lado os chineses reivindicam a região sob o pretexto da modernização e benefícios materiais concedidos ao Tibete, por outro lado os líderes

tibetanos temem que o autoritarismo do governo chinês ameace as tradições religiosas e a liberdade do povo do Tibete (SOALHEIRO, 2008).

A província autônoma de Xinjiang está situada ao norte do Tibete e ao noroeste do território chinês, é formada por enormes planaltos áridos, o clima é bastante rigoroso e apresenta grande amplitude térmica durante o ano. Em decorrências de suas características físicas essa é uma região predominantemente desértica.



Fonte: <http://professormarcianodantas.blogspot.com.br/2015/03/conflitos-separatistas-na-china.html>.
Acesso em 05/2016

Figura 16. Região de Xinjiang.

A província de Xinjiang tem uma notável produção agrícola e pecuária, recentemente descobriu-se que a região detém ainda cerca de um terço das reservas de petróleo da China e para aumentar ainda mais sua importância ela possuiu um enorme potencial turístico, pois foi berço de algumas civilizações importantes, além de, ter sido parte da antiga rota da seda. Ocupada inicialmente por muçulmanos sunitas da etnia uigure, possuindo língua e cultura próprias, essa região foi anexada pela China no século XIX, e hoje corresponde a 15% do seu território. A terra dos uigures passou a ter importância econômica estratégica devido a suas reservas petrolíferas (SANT'ANNA, TREVISAN, 2009).

A principal forma de dominação utilizada pelo governo chinês foi a diluição do povo uigure através das políticas de migrações internas, dessa forma a cultura e as tradições deste povo foi sendo diluída e descaracterizada com a chegada de um contingente enorme de pessoas. Além da migração interna, o governo chinês incentivou a instalações de empresas multinacionais para a extração e beneficiamento do petróleo. Apesar das tentativas do governo chinês de suprimir o povo uigure através das políticas de migração, o

movimento separatista ganhou força no final dos anos 1990 com o fim das ex - repúblicas soviéticas situadas em suas fronteiras.

Existem poucas informações atualizadas sobre essa questão, o governo chinês se esforça para barrar qualquer tipo informação que contribua para esclarecer a atual situação das regiões separatistas na China.

A Mongólia Interior está localizada entre a Rússia e a China, faz fronteira com o Mongólia, é uma região extremamente árida e a paisagem predominante é a do deserto de Gobi. A população predominante é nômade que se desloca constantemente em busca de campos férteis que propiciem a produção de alimentos. O governo chinês, nas últimas décadas, tem implantado diversos programas de irrigação e doações de terras afim de criar incentivos para o ocupação de chineses na região (MARTON, 2009).



Fonte: <http://professormarcianodantas.blogspot.com.br/2015/03/conflitos-separatistas-na-china.html>. Acesso em 05/2016

Figura 17. Hohhot - capital da Mongólia Interior

Historicamente a região da Mongólia Interior foi sempre bastante pacífica e eram raros os episódios de violência, mas esse cenário mudou recentemente quando um motorista chinês atropelou e matou um pastor mongol que não permitia que houvesse tráfego de caminhões que iam em direção a minas de carvão da região. Este fato desencadeou uma série de conflitos entre chineses e mongóis, o povo mongol alega que agora é vítima de uma forte repressão política e cultural semelhante ao que os tibetanos e uigures vivem, e promovem constantemente manifestações contra os chineses (MARTON, 2009).

Guangxi é uma região autônoma localizada ao sul da China e faz parte do golfo de Beibu do sul no mar da China. Na região existem 12 etnias e cerca de 50 milhões de habitantes. A partir do século XX a região alcançou um crescimento econômico e social

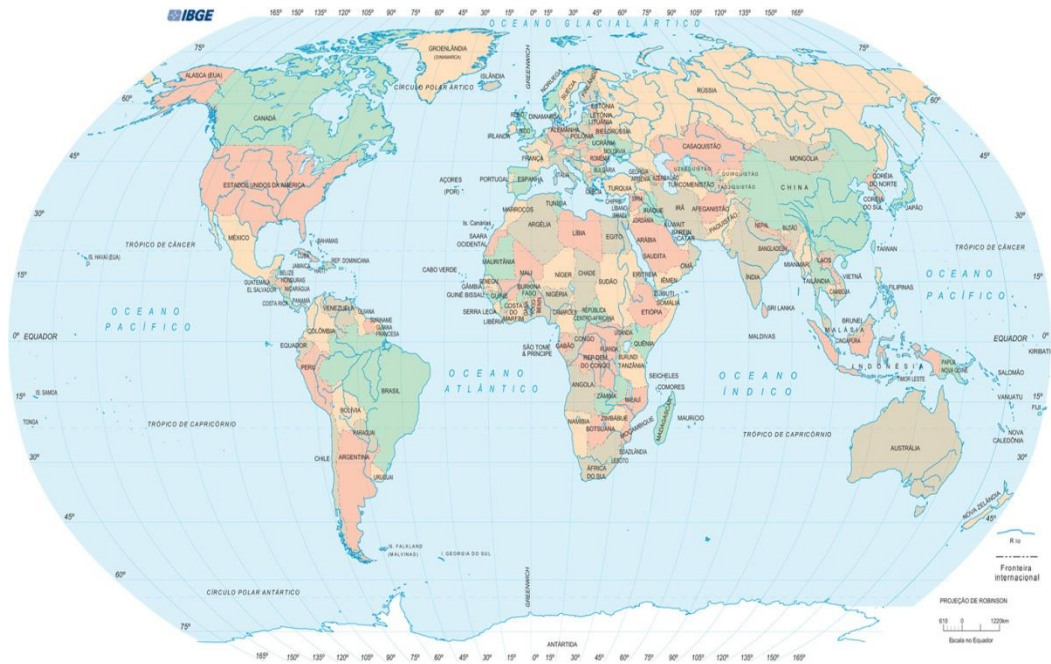
muito rápido, além de ter ocorrido um desenvolvimento harmonioso entre as etnias. Como consequência do crescimento econômico, de um desenvolvimento social e a insatisfação com a visibilidade e os investimentos que o governo chinês fornecia à região, a população local decidiu se separar da China, unindo as minorias étnicas contra o domínio chinês. A situação teve repercussão internacional, mas nenhum país reconheceu Guangxi c como Estado soberano.

O governo não aceitou tal ato e enviou soldados para ocupar a região. Devido à topografia da região, repleta de rios, formações rochosas e montanhas, os revoltosos conseguiram obter vitórias sobre o governo nos primeiros meses de conflitos. O governo chinês decidiu enviar mais de 850 mil homens na tentativa de combater os revoltosos. Essa nova ação foi bem sucedida, e os chineses militarizaram a região como Estado soberano.

As questões separatistas chinesas são assuntos delicados na China e muito pouco se fala a respeito delas, menos ainda são as informações que o governo chinês libera para o mundo, é importante ponderar que as poucas informações que existem a respeito dos movimentos separatistas podem não ser confiáveis uma vez que quase toda a informação que a China divulga passa por um órgão do governo responsável por censurar qualquer dado que fuja do interesse do governo chinês.

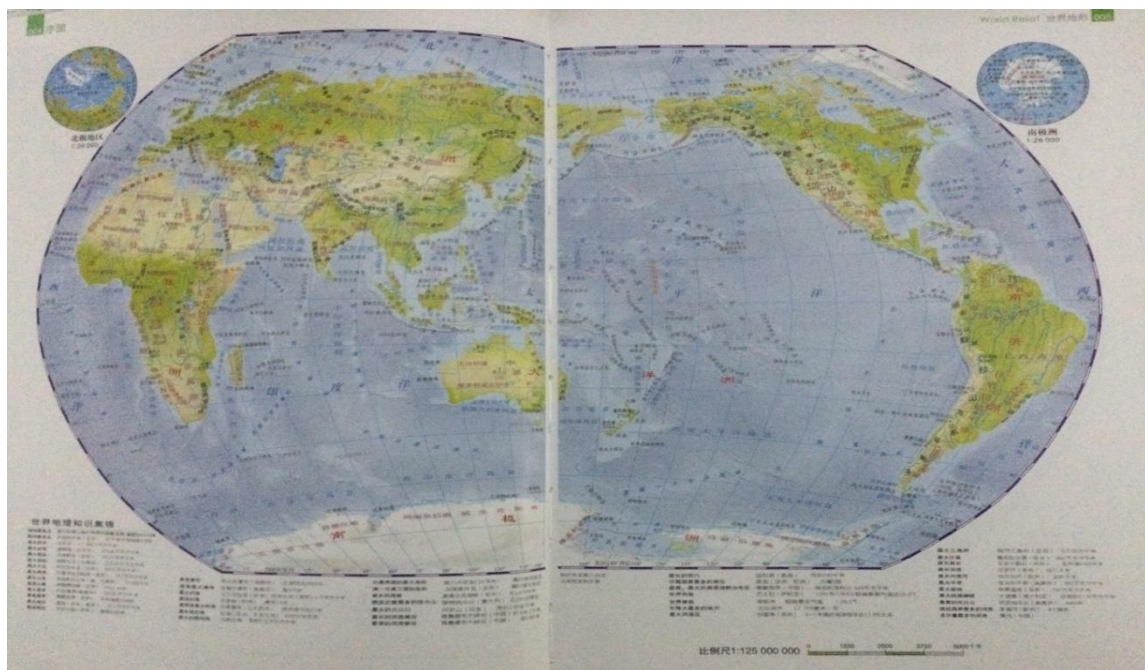
3.3. MAPA MUNDI PRODUZIDO NA CHINA

A representação cartográfica dominante no mundo ocidental é a representação de Mercator, ela se caracteriza por conservar o formato dos continentes, porém altera a dimensão de suas áreas. Ela divide o planeta em 12 paralelos e 24 meridianos (os meridianos foram elaborados para estabelecer os fusos horários), igualmente espaçados e distribuídos sobre Terra. Assim como toda e qualquer projeção que tenha por objetivo representar em um plano a esfera terrestre, a carta de Mercator apresenta algumas distorções e elas ocorrem no tamanho das áreas dos continentes, de forma que elas se tornam mais evidentes à medida que nos aproximamos dos polos. Essa representação possui um forte carácter eurocêntrico, ou seja, coloca a Europa no lugar de maior destaque no mapa, como podemos observar a seguir:



Fonte: <http://www.guiageo-mapas.com/mapa-mundi.htm>.
Acesso em Maio/2016
Figura 18. Mapa Mundi

No caso da China e de outros países asiáticos não existe a necessidade de colocar o continente europeu em destaque, pelo contrário, nestes casos o interesse é o de evidenciar a Ásia, pois desta maneira o continente será representado com menor distorção, como mostra o mapa *mundi* abaixo que foi retirado de um Atlas de origem chinesa:



Fonte: Atlas of the World. Knowledge Version, 2015.
Figura 19. Mapa Mundi com enfoque na Ásia.

Não ter a Europa no centro do mapa do mundo não representa apenas uma mudança estética do mapa, mas sim a quebra de um paradigma preestabelecido, é na verdade uma maneira diferente de olhar para o mundo e de se enxergar dentro dele. Quando o estudante chinês olha para o mapa acima ele vê e relaciona o mundo de maneira diferente de um estudante ocidental, isso porque cada um desses alunos possuem em suas mentes referenciais diferentes sobre o mesmo tema e isso implica em ler o mapa *mundi* de maneiras diferentes. É importante salientar que não existe, nesse caso, o certo e o errado, mas maneiras distintas de olhar para o mundo e se localizar nele.

4. ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS

Para compreender como a China é ensinada nas escolas estaduais do município de Ourinhos/SP analisamos duas coleções de livros didáticos, uma para os alunos do Ensino Fundamental, atualmente utilizada pela Escola Estadual Prof.^a Josepha Cubas da Silva, e a outra para os alunos do Ensino Médio, atualmente utilizada pela ETEC. Jacinto Ferreira de Sá.

A coleção de livros didáticos escolhida para os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II foi *Expedições Geográficas*, 1ª Ed., Editora Moderna, São Paulo, 2011, dos autores Melhem Adas e Sergio Adas.

Os três primeiros livros da coleção *Expedições Geográficas* de Melem Adas e Sergio Adas, pertencente ao Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2016, referentes ao 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental II não abordam o tema China. O livro do 6º ano trabalha conceitos da Geografia e da Cartografia, aspectos físicos da Terra e introduz os temas da industrialização, sociedade e espaço. Já no livro de 7º ano o enfoque principal recai sobre o Brasil, portanto, os temas território, população e sociedade são trabalhados dentro da realidade brasileira. No livro didático do 8º ano existe a proposta de estudar temas que vão além do território brasileiro, por isso são estudados conceitos de globalização, economia global, crises e desigualdades no mundo global, e a regionalização do mundo contemporâneo.

Cabe aqui uma observação em relação a esta coleção, percebe-se que o conteúdo foi bastante dividido. No 6º ano estuda-se conceitos básicos da Geografia, no 7º ano aprofundam-se esses conceitos e estuda-se o Brasil, e no 8º ano o enfoque principal recai sobre o estudos do países americanos. Nesse sentido, a coleção busca o aprofundamento de conceitos básicos e conhecimentos regionais, no entanto, deveria ter ao menos uma menção a China, pois são abordados temas sobre globalização, economia e desigualdades

sociais no mundo, onde a China tem uma relevante participação, e lembrando que no 9º ano a China será abordada como uma potência econômica da Ásia.

O livro do 9º ano se propõe a continuar o estudo sobre o mundo iniciado no livro anterior, por isso cada capítulo do livro é destinado a estudar uma região específica do mundo. A China é abordada no Cap. 5 - As grandes economias da Ásia. É abordado os aspectos físicos, sociais e econômicos. De modo geral, o capítulo retrata bem a realidade chinesa, aborda assuntos importantes como a degradação ambiental, democracia limitada, desigualdades regionais e a política econômica a partir de 1984. Cabe um elogio ao livro didático, pois ele traz para a sala de aula um aspecto da realidade chinesa que é desconhecida pela maior parte das pessoas, a região de Xinjiang, no noroeste da China. E como já foi dito nesse estudo, trata-se de uma região de conflito, pois a população dessa região possui uma cultura bastante diferente e busca autonomia própria, porém o governo chinês não está disposto a perder parte do seu território. O livro aborda esse tema de maneira breve, porém por se tratar de um livro voltado para o 9º ano do Ensino Fundamental II é o suficiente para introduzir o tema e abrir espaço para o professor trabalhar mais com os alunos se julgar necessário.



Encontros

Apelo pelos uígures: habitantes do Xinjiang

"O Xinjiang, ou Região Autónoma do Xinjiang, é um território integrado na República Popular da China (RPC) desde 1949. [...] Os seus habitantes, os uígures, são [...] muçulmanos sunitas, possuindo uma língua e cultura próprias. Tal como os tibetanos, têm sido alvo de perseguições várias por parte dos chineses (*han*) que tentam anular a sua identidade nacional.

Assim:

- ▶ a utilização da sua língua está fortemente restringida, podendo os estudantes e professores ser multados se forem apanhados a falar a nos recintos escolares.
- ▶ o culto religioso é extremamente dificultado: as crianças e jovens com menos de 18 anos estão proibidos de frequentar as mesquitas, muitos jovens têm medo de serem expulsos do sistema escolar se se souber que rezam em casa, os empregados do Estado (professores, polícias, funcionários das empresas estatais etc.) arriscam-se a perder os empregos por praticarem o culto religioso; muitos clérigos são nomeados pelas autoridades chinesas e as cerimónias religiosas são vigiadas por polícias.
- ▶ incentivada pelo governo chinês, existe uma migração crescente de chineses de etnia *han* para o Xinjiang, onde se instalam ocupando os melhores empregos e tomando conta dos negócios lucrativos.
- ▶ os chineses *han* só empregam chineses *han* pelo que o desemprego entre os uígures é crescente, levando-os a aceitar empregos em zonas da China distantes da sua terra [...]. Esta política de migrações internas tende a diluir o povo uigur na sua própria terra, sendo que em 1949 os *han* constituíam 6% da população do Xinjiang e atualmente são 37,7%.



Táxi transportando mulheres uígures na cidade de Kucha, na Região Autónoma do Xinjiang, China (2009).

Fonte: elaborado com base em CHARLIER, Jacques (Dir.). *Atlas du 21^e siècle* 2010. Paris: Nathan, 2009, p. 116.



O Xinjiang é uma região rica em agricultura (produtos frutícolas, trigo, algodão), em pecuária (carneiros), na produção da seda e em minerais e petróleo. É uma região de enorme potencial turístico, porque detentora de um património arqueológico impressionante a que os chineses têm barrado o acesso. Ficava na antiga Rota da Seda e há cerca de dois anos descobriu-se que foi o berço de algumas civilizações importantes. [...]"

Anistia Internacional – Portugal. *Apelo pelos uígures: habitantes do Xinjiang*. Disponível em: <www.amnistia-internacional.pt>. Acesso em: 18 mar. 2012.

1. Qual tem sido a postura do governo chinês em relação ao povo uigur? Explique.
2. Quais são as atividades lucrativas existentes na província? De que forma o governo pretende ampliar o seu controle sobre elas?
3. Em sua opinião, quais são as consequências socioculturais dessas medidas para a sociedade chinesa?

Fonte: Livro Expedições Geográficas, editora Moderna, 2011, página 177.

Figura 20. Texto Apelo pelos uígures: habitantes do Xinjiang.

Já a coleção de livros didáticos escolhida para os alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio foi *Áreas do Conhecimento*, 3ª Ed., Editora IBEP, São Paulo, 2013, das autoras Alice de Martini e Rogata Soares del Gaudio.

O livro do 1º ano possui 176 páginas organizadas em sete capítulos:

- Cap. 1 - O saber geográfico e o conhecimento do mundo;
- Cap. 2 - Noções de Cartografia;
- Cap. 3 - A Cartografia e as relações de poder;

Cap. 4 - O planeta como sistema;

Cap. 5 - Aspectos da natureza Brasileira;

Cap. 6 - Questões ambientais globais;

Cap. 7 - Questões ambientais do Brasil.

Trata-se de um livro voltado para preparar o aluno para as provas do Vestibular e do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) uma vez que ao final de cada capítulo é proposto para o aluno resolver algumas questões de diversos vestibulares e questões do ENEM de edições recentes. O livro possui muitas imagens, figuras, gráficos e mapas o que é um ponto positivo, além disso pode-se exaltar o fato do livro sempre propor atividades entre os alunos e trabalhar os temas buscando a interdisciplinaridade entre as outras áreas do conhecimento.

O primeiro tema que interessa a essa pesquisa está no Cap. 2 - Noções de Cartografia, que são os Fusos Horários. O livro aborda o tema de maneira breve e superficial utilizando apenas duas páginas do livro para esse fim, essa não é exatamente uma crítica, mas talvez por causa dessa característica o livro enxuga o conteúdo e acaba por não falar que nem todos os países utilizam a convenção UTC (Universal Time Coordinated) que em português significa Tempo Universal Coordenado, para definir o horário do país, como é o caso da China que impôs apenas o horário da capital Pequim para todo o território chinês, se não fosse essa imposição a China teria provavelmente 4 fusos horários diferentes. Países como a Índia (que também impôs um único fuso horário para todo o seu território) Antigua, Barbados, Afeganistão, Irã, Myanmar e Nepal também não seguem a padronização da UTC, no entanto, nada disso foi ao menos mencionado no livro. A imagem a seguir retirada do livro mostra os fusos horários do mundo e pode vir a intrigar o aluno do por que um país tão grande como a China possui apenas um fuso horário, porém, livro não traz essa resposta.



ATIVIDADE

Montem uma isolinha de tempo



Com o seu grupo, faça um esboço da escola em uma folha avulsa e depois estabeleçam pontos de referência ao seu redor.

Cada integrante fala quanto tempo gasta para chegar da sua casa até a escola utilizando-se do mesmo meio de transporte ou a pé.

O grupo estabelecerá isolinhas com intervalos (equidistância) de 10 minutos, colocando os nomes de quem reside mais próximo ou mais distante. Depois entregará ao professor, para que ele faça um fechamento, analisando em que intervalo se encontra a maior parte das residências.

Fusos horários

O sistema de fusos horários foi criado em 1883, em uma conferência em Roma, e surgiu de uma necessidade de padronização do horário mundial. Antes dessa data, o sistema de horário era definido pelo relógio de sol, e o meio-dia era observado quando os raios solares estivessem a pino.

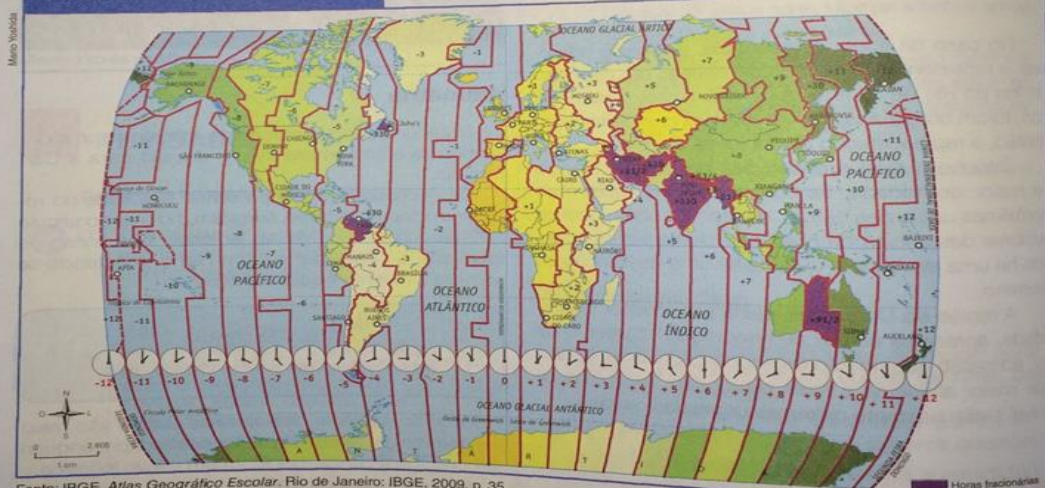


SAIBA MAIS

Na parte europeia onde hoje existem 3 fusos horários, havia 27 horas diferentes.

Na América do Norte, havia 74 modos diferentes de se contar as horas. Hoje, existem 5 fusos horários.

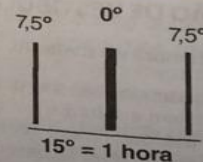
PLANISFÉRIO – FUSOS HORÁRIOS



Fonte: IBGE, Atlas Geográfico Escolar, Rio de Janeiro: IBGE, 2009, p. 35.

A padronização foi estabelecida dividindo-se os 360 graus da esfera terrestre pelo número de horas que ela gasta para dar um giro completo em torno do seu próprio eixo – 24 horas. O resultado foi este: a Terra gira 15 graus a cada 1 hora.

Os meridianos de 15° em 15° são os eixos dos fusos horários, definindo a hora da faixa correspondente a 7,5° a leste e a oeste desse eixo.



Sendo 15° = 1 hora ou 60 minutos, 1° = 4 minutos.

Fonte: Livro Geografia, Coleção Áreas do Conhecimento, vol. 1, página 34

Figura 21. Planisfério – Fusos Horários

O próximo tema de interesse é o relevo que está no Cap. 4 - O planeta como sistema. Mais uma vez podemos observar que o livro não se aprofunda muito para tratar do tema, pois é trabalhado ao longo de duas páginas e meia, e aborda de maneira bastante simplória os exemplos de relevos no mundo, para isso, mostra apenas imagens e mapas de relevo das Américas, da Europa e da África, a Ásia neste caso é completamente negligenciada não contendo nenhuma imagem apenas um texto de sete linhas, como pode-se observar a seguir.

Ásia
A Cordilheira do Himalaia é um dobramento moderno, de elevadas altitudes e grande dificuldade de fixação humana.

A planície do Rio Ganges é a área mais populosa da Índia, assentada em terrenos sedimentares. O Planalto do Deccã tem formação geológica antiga e possui exploração mineral.

QUESTÃO DE VESTIBULAR

Responda sempre no caderno.

Q14. (UFES) Observe as figuras.

Fonte: MACQUEEN, D. ANAGRI, B. Projeto de ensino de geografia: natureza, ensino. Angina, sustentação - geografia geral. São Paulo: Moderna, 2009. p. 37.

Comparando-se os dois perfis topográficos que seccionam o relevo da América do Norte e do Sul no sentido oeste-leste, é possível concluir:

- Nas duas Américas, a área centro-oriental é composta de planaltos antigos e planícies, e a faixa ocidental, de dobramentos recentes.
- Nas duas Américas, a área centro-oriental é composta de planaltos antigos e planícies, e a faixa ocidental, de dobramentos recentes.
- O quadro geológico/morfológico geral das duas Américas é diferente e não se repete.
- A faixa oriental das duas Américas é dominada pelo sistema das Rochosas e Andino com cordilheiras, platôs elevados e vales fluviais profundos.
- No setor ocidental, destacam-se antigos dobramentos rebaixados por erosão, como os Apalaches na América do Norte e os Planaltos e Serras de leste e sudeste na América do Sul.

Hidrografia

Há milênios, as civilizações utilizam as várzeas dos rios. Podemos citar como exemplos os antigos egípcios e sua agricultura às margens do Rio Nilo, os mesopotâmicos junto aos rios Tigre e Eufrates e os indianos e sua relação religiosa com o Rio Ganges.

PRINCIPAIS RIOS DO MUNDO

Fonte: ONU. Disponível em: <www.fao.org/geonetwork/seren/main.html>. Acesso em: fev 2013.

Fonte: Livro Geografia, Coleção Áreas do Conhecimento, vol. 1, página 74.
Figura 22. Pequena caracterização do relevo da Ásia.

O último tema de interesse no livro do 1º ano do Ensino Médio é o Cap. 6 – Questões ambientais globais, esse tema é trabalhado ao longo de vinte páginas e possui muitas imagens e gráficos, e conceitua temas como ilhas de calor, chuva ácida, inversão térmica, desertificação e erosão.

O capítulo também traz o tema aquecimento global como uma verdade absoluta, ignorando toda uma discussão mundial a respeito da existência ou não de um aquecimento médio da temperatura da superfície do planeta Terra. É sabido que a temperatura média das cidades seguem uma tendência de aumento principalmente por causa da ação antrópica degradante nessas regiões, no entanto, o mesmo não foi provado para o planeta Terra como um todo.

O livro comete ainda mais uma grande falha, que é a de não considerar a China no contexto de problemas ambientais. Segundo a notícia publicada em 06 de dezembro de 2011, pelo UOL Notícias Ciências e Saúde, a China é o maior emissor de CO² do mundo e enfrenta problemas gravíssimos gerados pela degradação da natureza e o esgotamento de seus recursos naturais, entre alguns dos muitos problemas ambientais podemos citar: tempestades de areia do deserto de Gobi que encobrem de pó cidade inteiras, pois o solo dessa região não possui cobertura vegetal; a seca do rio Yangtsé (maior rio da China) que dura mais de 50 anos; o uso abusivo de fertilizantes que causou a perda de cerca de dois terços da produção sazonal de frutas; a poluição do ar que bate recordes consecutivos em Xangai e entre outras cidades.

Os problemas ambientais geram um gasto astronômico para economia chinesa, em 2014 gastou-se cerca de US\$ 154 bilhões para tentar combater os problemas ambientais. Um relatório do Banco Central da China afirma que o país necessita cerca de U\$ 322 bilhões todos os anos, durante os próximos cinco anos, para combater o impacto da poluição ambiental, este número surpreendente corresponde a 3% do PIB da China.



Figura 23. Grossa camada de poluição encobrindo o sol. POSSETI, 2014.

O livro do 2º ano possui 191 páginas organizadas em nove capítulos:

- Cap. 1 - Os contrastes brasileiros;
- Cap. 2 - A construção do território brasileiro;
- Cap. 3 - Regionalizações;
- Cap. 4 - A população brasileira;
- Cap. 5 - Recursos naturais e crescimento econômico;
- Cap. 6 - A industrialização do Brasil;
- Cap. 7 - A urbanização do Brasil;
- Cap. 8 - Produção de alimentos *versus* fome;
- Cap. 9 - Os Transportes no Brasil.

Assim como o livro do 1º ano este também possui muitas imagens, mapas, ilustrações e tabelas e mantém a mesma característica de preparar os alunos para as provas de vestibular e do ENEM, e este livro é voltado para o estudo de temas brasileiros.

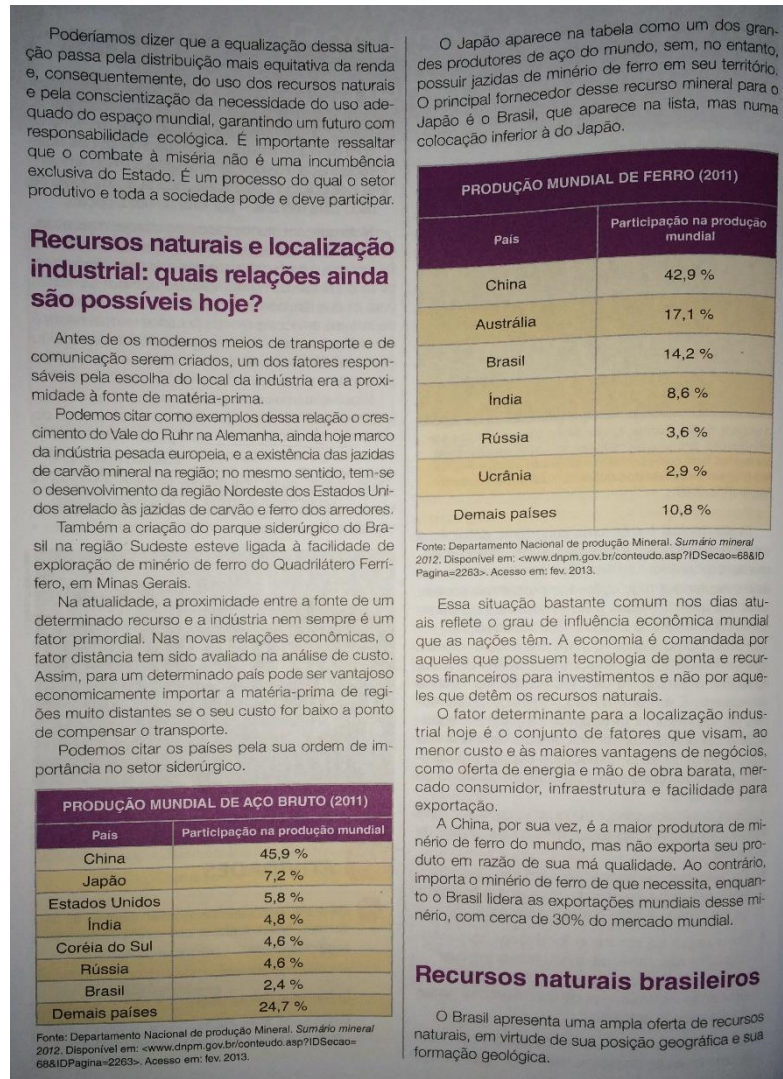
O primeiro tema a ser analisado está contido no primeiro Cap. 1 - Os contrastes brasileiros, trata-se da importância econômica do Brasil no mercado mundial, aborda subtemas como o Mercosul, a Alca, o BRICS (sigla para Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e o IBAS (sigla para Índia, Brasil e África do Sul), cada um desses subtemas é brevemente apresentado ao aluno sob forma de textos, imagens e mapas, porém, deixa algumas informações importantes ficarem de fora da discussão, como o papel da China no BRICS e a parceria Brasil-China no mercado mundial. No entanto, é importante ressaltar que as questões de vestibulares e do ENEM contidas no final do capítulo abrem a oportunidade do professor trabalhar com os alunos as questões que não foram bem abordadas anteriormente como é o caso da questão a seguir:

Questão 9. (PUC-Rio) Desde as últimas décadas do século XX, o Brasil, diante das novas exigências do comércio global, vem mantendo ou criando estratégias econômicas com o objetivo de aumentar sua participação na economia mundial. Sobre o comércio exterior brasileiro, hoje, **não é correto** afirmar que: A) as exportações de produtos industrializados superam, em valor, as de produtos agrícolas. B) a valorização do real frente ao dólar aumenta a competitividade das exportações brasileiras. C) os principais importadores dos produtos industrializados brasileiros são os Estados Unidos e a Argentina. D) os superávits crescem graças ao aumento das exportações de produtos industrializados e commodities. E) as ações políticas mais agressivas aumentaram as relações comerciais com a Índia, a África do Sul, os países do Oriente Médio e a China. (MARTINI. A.; GAUDIO. R.S. Del. 2013, p. 32).

A partir desta questão o professor pode comentar as afirmativas corretas agregando mais informações sobre elas e corrigir a alternativa incorreta, que no caso da questão acima é a alternativa “B” pois a valorização do real frente ao dólar diminui a competitividade das exportações brasileiras.

No Cap. 5 - Recursos naturais e crescimento econômico, além de citar a China, aborda o conceito de recursos naturais renováveis e não renováveis, em seguida, explica-se a diferença que existe entre escassez e abundância *versus* riqueza e pobreza, nesse ponto o livro busca explicar que a abundância de um recurso natural não necessariamente se traduz em riqueza para a população ou para o país, e a recíproca é verdadeira, atrelado à essa ideia o livro faz relação entre recursos naturais e a localização argumentando que atualmente a proximidade de um recurso natural e a indústria nem sempre é um fator primordial e decisivo para o local de instalação da indústria.

A imagem a seguir mostra dois quadros, o da esquerda fala da PRODUÇÃO MUNDIAL DE AÇO BRUTO (2011) e o da direita a PRODUÇÃO MUNDIAL DE FERRO (2011). A partir da leitura dos quadros o livro aponta que um país pode ser um dos maiores produtores de um determinado recurso natural e não possuir nenhuma jazida do mesmo, como é o caso da produção de aço do Japão que em 2011 foi o segundo maior produtor, e não possui jazidas de minério de ferro no seu território. Para explicar como isso é possível o livro demonstra que a economia mundial é comandada por aqueles que possuem tecnologia de ponta e recursos financeiros para manufaturar o recurso natural e não pelos países que possuem o recurso natural em abundância, pois não possuem tecnologia para explorá-lo.



Fonte: Livro Geografia, Coleção Áreas do Conhecimento, vol. 2, página 92.
Figura 24. Recursos naturais e localização Industrial.

O livro também aponta que o fator determinante para a localização industrial, hoje, é o conjunto de fatores que visam o menor custo e às maiores vantagens, como a mão de obra barata, oferta de energia, mercado consumidor, infraestrutura e facilidade de escoamento da produção.

A China é a maior produtora de ferro do mundo, porém não exporta sua produção por razão da sua má qualidade, e pelo contrário, importa o minério de ferro que necessita, enquanto o Brasil lidera as exportações desse minério com cerca de 30% do mercado mundial.

Em linhas gerais o segundo livro da coleção aborda de maneira satisfatória os temas que envolvem a China, no entanto, é importante ressaltar que o professor não se limite ao livro didático e busque informações adicionais e mais atualizadas sobre a economia chinesa, pois os quadros apresentados são antigos se comparado a grande dinâmica da economia chinesa.

O livro do 3º ano possui 223 páginas divididas em nove capítulos:

Cap. 1 - O mundo do trabalho;

Cap. 2 - A população mundial;

Cap. 3 - Multiculturalismo e Geografia;

Cap. 4 - Conflitos no espaço global: as Guerras Mundiais, a Guerra Fria e a Nova Ordem Mundial;

Cap. 5 - A Nova Ordem Mundial e os conflitos separatistas;

Cap. 6 - A Nova Ordem Mundial e os conflitos tribais e religiosos;

Cap. 7 - A Nova Ordem Mundial e as organizações internacionais;

Cap. 8 - O mundo multipolarizado;

Cap. 9 - As economias emergentes.

No Cap.1- O mundo do trabalho, o livro trata do papel das mulheres no mercado de trabalho e a posição que elas exercem na sociedade chinesa, o livro argumenta que na China existe um contingente maior de homens em relação as mulheres e isso se explica por questões culturais e pela política de um filho por casal imposta pelo governo em 1979. O livro conta que a mulher é tratada de forma depreciativa na sociedade chinesa, sem valorização social e que suas únicas funções na sociedade é a de procriar e de servir os homens e que não é incomum histórias de mulheres que são estupradas em sua própria família, além de rapto e escravização. Neste ponto o livro foge completamente do bom senso, é preciso relativizar os fatos, realmente a mulher não possuiu o mesmo espaço na sociedade que os homens, e de fato, sofrem violência familiar, porém, isto ocorre principalmente nas áreas rurais e com uma frequência menor do que o livro deixa subentendido. Nas cidades a realidade não é a mesma, as mulheres trabalham, estudam, ocupam cargos importantes nas fábricas e muitas vezes possuem total independência da figura masculina. Neste caso, o livro, apresenta uma visão estereotipada e simplista de uma população tão dinâmica como é a população chinesa.

No Cap. 2 - A população mundial, o livro traz duas tabelas com os quinze países mais populosos em 2011 e uma projeção dos mesmo para 2050, de acordo com o apresentado a população chinesa não deve variar muito e manter cerca de 1,3 bilhões de habitantes e com isso a Índia deverá passar a China e assumir o primeiro lugar na tabela com 1,6 bilhões de habitantes. Neste ponto é importante lembrar que a política de um filho por casal foi extinta em todo o território chinês no final de 2015, portanto, agora os casais chineses podem ter até dois filhos, considerando essa mudança é possível dizer que a estimativa apresentada sobre população chinesa em 2050 não seja contemplada pois no momento em que a projeção foi realizada a política de um filho por casal ainda estava em vigor.

OS QUINZE PAÍSES MAIS POPULOSOS EM 2011			OS QUINZE PAÍSES MAIS POPULOSOS – PROJEÇÃO EM 2050		
COLOCAÇÃO	PAÍS	POPULAÇÃO (EM MILHÕES)	COLOCAÇÃO	PAÍS	POPULAÇÃO (EM MILHÕES)
1ª	China E-9 (1ª)	1.347	1ª	Índia E-9 (1ª)	1.628
2ª	Índia E-9 (2ª)	1.241	2ª	China E-9 (2ª)	1.394
3ª	Estados Unidos G-8 (10ª)	313	3ª	Estados Unidos G-8 (1ª)	413
4ª	Indonésia E-9 (3ª)	242	4ª	Paquistão E-9 (3ª)	332
5ª	Brasil E-9 (4ª)	196	5ª	Indonésia E-9 (4ª)	316
6ª	Paquistão E-9 (5ª)	176	6ª	Nigéria E-9 (5ª)	304
7ª	Nigéria E-9 (7ª)	162	7ª	Brasil E-9 (6ª)	247
8ª	Bangladesh E-9 (6ª)	150	8ª	Bangladesh E-9 (7ª)	205
9ª	Rússia E-9 (2ª)	142	9ª	República Democrática do Congo	182
10ª	Japão G-8 (3ª)	126	10ª	Etiópia	173
11ª	México E-9 (8ª)	114	11ª	México E-9 (8ª)	151
12ª	Filipinas	92	12ª	Filipinas	146
13ª	Vietnã	88	13ª	Vietnã	117
14ª	Etiópia	84	14ª	Egito E-9 (9ª)	115
15ª	Egito E-9 (9ª)	82	15ª	Rússia G-8 (2ª)	102

E-9 – Países emergentes
G-8 – Países mais ricos do mundo

Fonte: Fundo de População das Nações Unidas. Relatório sobre a situação da população mundial 2011. Disponível em: <www.unfpa.org.br/swop2011/swop_2011.pdf>. Acesso em: fev. 2013.

Fonte: Population Reference Bureau.
* E-9 = Países emergentes
* G-8 = Países mais ricos do mundo

Fonte: Livro Geografia, Coleção Áreas do Conhecimento, vol. 3, página 42.
Figura 25. Tabela Os 15 países mais populosos em 2011 e a projeção dos mesmos para 2050.

O Cap. 4 - Conflitos no espaço global, aborda o tema de conflitos globais e inserido nesse contexto o existe um questionamento: “Ainda existem países socialista?” para responder a essa questão o livro contextualiza e discorre sobre cada país socialista. No caso da China esse histórico foi muito bem feito, a história chinesa foi descrita levando em conta os aspectos, físicos, sociais e econômicos, seguindo uma linha de raciocínio lógica e clara. Diferente do Cap. 2 que apresentou uma visão simplista e estereotipada, aqui as autoras foram razoáveis e dedicaram vinte páginas para abordar com clareza e riqueza de imagens e tabelas os dados referentes à China. Vale ressaltar também que o livro propõe diversas atividades em grupo e individual que certamente ajudam no processo de fixar o conhecimento e estimulam o debate em sala de aula.

No Cap. 8 - O mundo multipolarizado, o subtema dominação tecnológica é trabalhado de forma clara e objetiva fazendo uma paralelo entre as antigas regiões industriais e os novos polos tecnológicos, salientando as consequências que o rápido

desenvolvimento da tecnologia trouxe para as sociedades no mundo. Neste momento a China foi apenas citada no texto mostrando aonde se localizam as Zonas Econômicas Especiais do litoral (ZEE's), no entanto, isso não é uma falha já que em outros momentos do livro essa questão é melhor trabalhada.

O Cap. 9 - As economias emergentes, inicia abordando o BRICS, diferentemente do livro que o antecede, agora o tema é muito bem trabalhado, mostra como o BRICS se comporta em meio à crise financeira mundial, o papel de cada país membro dentro do grupo, os problemas e desafios que serão enfrentados por cada país e de que forma o grupo pode intervir no sentido de minimizar estes problemas. Este capítulo é rico em imagens, tabelas, mapas e textos auxiliares, continua com a característica de propor atividades em sala de aula que estimulam o pensamento crítico e o debate entre os alunos, como podemos observar logo na primeira página do capítulo.



Fonte: Livro Geografia, Coleção Áreas do Conhecimento, vol. 3, página 202.
Figura 26. 4ª cúpula do BRICS (Brasil, Rússia, China e África do Sul) em Nova Deli, Índia, 2012.

De modo geral, o livro busca contextualizar os conteúdos e apresentá-los de forma leve para os alunos, para isso evita textos longos e enfadonhos e opta por utilizar imagens, tabelas, atividades em grupo e mapas para dar dinâmica e tornar o conteúdo mais atrativo para os mesmos. É importante frisar que o livro não dá conta de estar sempre atualizado, pois a dinâmica dos acontecimentos do mundo é muito ágil, dessa forma, cabe ao professor realizar pesquisas constantes para que ele possa corrigir possíveis defasagens de dados. Além disso, o professor precisa estar sempre atento com os estereótipos que possam estar no conteúdo, como é o caso, do Cap. 2 do livro que é abordado o papel da mulher na sociedade chinesa. É neste momento que este estudo prova-se necessária, pois traz a vivência na China para contrapor com o conteúdo teórico do livro didático.

As duas coleções analisadas possuem pontos positivos e negativos na tentativa de representar a China como de fato ela é, a análise dos livros didáticos mostrou que existem algumas questões que precisam ser melhor trabalhadas, como é o caso da visão estereotipada e simplista que o livro do 3º ano do Ensino Médio trouxe em relação ao papel da mulher na sociedade chinesa. No livro didático do 1º ano do Ensino Médio as autoras afirmam que o aquecimento global existe e é uma realidade e que pode causar desastres naturais sem precedentes, mais uma vez, o livro trouxe informações que não são necessariamente verdadeiras, pois o aquecimento global é um tema que ainda está sendo muito estudado e discutido, por isso não foi comprovado cientificamente que ele exista.

Por outro lado, é preciso reconhecer os pontos positivos que as duas coleções apresentaram, ambas percorrem os temas utilizando muitas imagens, mapas, tabelas, textos complementares e atividades em grupo e individuais, todo esse conjunto torna as aulas muito mais dinâmicas e interativas, incentivando os alunos a debaterem sobre os temas. Outro ponto positivo que merece enfoque é a abordagem que o livro do 9º ano do Ensino Fundamental II traz sobre o povo uigure que habita a região de Xinjiang, esse tema foi brevemente apresentado em forma de texto, porém, considerando a faixa etária dos alunos o texto está muito bem apresentado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a analisar a maneira com a qual os livros didáticos das escolas públicas estaduais do município de Ourinhos/SP, especificamente o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, retratam o cotidiano da China. E identificar nos conteúdos apresentados os pontos que o material teórico coincidem com a realidade chinesa e os pontos em que não conseguem atingir esse objetivo. Para além dos livros didáticos, este

estudo se propôs a analisar como o tema China aparece nos currículos oficiais dos Parâmetros Curriculares Oficiais de São Paulo (PCN's) e investigar no mapa *mundi* chinês e compreender como a China é representada, como ela representa o mundo, e compará-la com os mapas brasileiros.

Este estudo demonstrou o quanto é difícil trabalhar a temática de uma país com dimensões continentais, diversidade cultural, e ainda com uma enorme importância no cenário mundial político e econômico, justamente por isso e pelas inúmeras especificidades que a China tem na sua história e sociedade, os livros didáticos analisados apresentaram defasagem de informação, em outros momentos dados desatualizados, ou ainda uma visão estereotipada da China. No entanto, é necessário dizer que os livros tiveram muitos pontos positivos, pois eles continham muita imagens de qualidade, atividades em sala de aula, exercícios complementares e indicação de leituras e filmes, tudo isso ajuda para melhor relação ensino - aprendizagem.

Mostra-se importante este estudo pois conseguiu através da vivência na China identificar alguns equívocos e pontos discutíveis no conteúdo dos livros didáticos. A grande maioria dos professores não tiveram essa vivência e por isso correm o grande risco de não conseguirem identificar quando esses equívocos ocorrem, daí a necessidade de buscar fontes alternativas e seguras de informação como a internet, desde que os sites pesquisados sejam de procedência e passem credibilidade, documentários, notícias, filmes e até mesmo uma boa conversa com pessoas que tiveram a oportunidade de vivenciar o tema que vai ser trabalhado em sala de aula.

Espera-se que este estudo contribua para a melhoria da abordagem desse tema em sala de aula e que tenha servido para mostrar a importância de buscar informações além do livro didático, e para que se construa uma aula com alto padrão de qualidade. Existe a pretensão de continuar o trabalho que se iniciou com este estudo através da criação de um blog que contenha ainda mais informações e curiosidades sobre a China que só a vivência pode dar conta de revelar.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAS. M.; ADAS. S. **Coleção Expedições Geográficas**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 135.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 5.

CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA BRASIL CHINA. **Guia de Viagem**. E-book, 2011. Disponível em: <<http://www.camarabrasilchina.com.br/servicos-da-camara/viagens/guia-de-viagem>>. Acesso em maio de 2016.

DAMAS, Roberto Dumas. **Economia chinesa: transformações, rumos e necessidade de rebalanceamento do modelo econômico da China**. 1ª Ed., Editora Saint Paul, Brasil: 2014.

FAIRBANK, J. K.; GOLDMAN, M. **China: Uma nova história**. 2ª Ed., L&PM Editores, Brasil: 2007.

FISHMAN, TED. C. **China. S. A.: como o crescimento da próxima superpotência desafia os Estados Unidos e o mundo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 10 p. ALMEIDA, R. D. de; PASSINI, E. Y. **O Espaço Geográfico: ensino e representação**. 15ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004. p. 90.

MARTINI. Alice de.; GAUDIO. Rogata S. del. **Coleção Geografia Ensino Médio**. 3ª Ed. São Paulo: Editora IBEP, 2013.

_____. **Geografia Ensino Médio 2º Ano**. 3ª. Ed. São Paulo: Editora IBEP. 2013. p. 32.

MARTON, Fábio. **Mongólia: o trágico destino de um império grandioso**. Revista Aventuras na História, Editora Abril: 23 de jun. 2009. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/tragico-destino-imperio-grandioso-479491.shtml>>. Acessado em maio de 2016.

MELLO, A. A.; VLACH, V. R. F.; SAMPAIO, A. C. F. **História da Geografia Escolar brasileira: continuando a discussão**. Uberlândia/MG: UFU, 2006. Disponível em: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/239AdrianyMelo_VaniaRubia.pdf>. Acesso em maio de 2016.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Brasil e China vão intensificar o intercâmbio entre militares**. Assessoria de Comunicação, Brasília, 23 de abr. 2015. Disponível em: <<http://www.defesa.gov.br/index.php/noticias/15534-brasil-e-china-vao-intensificar-o-intercambio-entre-militares>>. Acessado em maio de 2016.

OLIVA, Jaime Tadeu. **Educação e ensino da geografia: Instrumentos de dominação e/ou de libertação**. In: A Geografia na sala de aula. / (Org.). CARLOS, Ana Fani A. 8ª. Ed. São Paulo: Contexto. 2006. p. 46.

OLIVEIRA, César A. C. de. **Considerações sobre a História da Geografia Crítica e seu ensino**. In: Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico. I. Anais... Rio Claro: UNESP. 1999, p.200-206.

PONTUSCHKA. N. N.; CACETE. N. H.; PAGANELLI. T. **Para ensinar e aprender Geografia**. Editora Contexto, São Paulo: 2007.

SANT'ANNA, L. TREVISAN, C. **Xinjiang, a região mulçumana que incomoda Pequim**. Jornal O Estado de São Paulo, BBC Brasil, 06 de jul. 2009. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,xinjiang-a-regiao-muculmana-que-incomoda-pequim,398550>>. Acessado em maio de 2016.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências da Natureza e suas tecnologias**. São Paulo: SEE, 2012.

_____. **Currículo do Estado de São Paulo: Ciências da Natureza e suas tecnologias**. São Paulo: SEE, 2012. p. 7.

SHANDONG, Province. **Atlas of the World: Atlas of China knowledge**. China Cartographic Publishing House, China: 2015.

SOALHEIRO, Bruna. **China e Tibet**. Revista de História. 08 out. de 2008. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/china-e-tibet>>. Acesso em maio de 2016.

SPUTNIK BRASIL. **Rússia não se preocupa com o aumento do poder militar da China**. Notícias Mundo, 09 de set. de 2015. Disponível em: <<http://br.sputniknews.com/mundo/20150909/2072346.html>>. Acessado em maio de 2016.

SUANO, Marcelo. **Acordo militar entre China e Brasil é um primeiro passo para agenda mais ampla**. CeiriNewspaper, 17 de nov. 2009. Disponível em:

<<http://www.jornal.ceiri.com.br/politica-internacional-acordo-militar-entre-china-e-brasil-e-um-primeiro-passo-para-agenda-mais-ampla/>>. Acessado em maio de 2016.

UOL NOTÍCIAS CIÊNCIAS E SAÚDE. **Conheça os principais emissores de carbono do planeta.** São Paulo, 06 de dez. 2011. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ciencia/ultimas-noticias/redacao/2011/12/06/conheca-os-principais-emissores-de-carbono-do-planeta.htm>>. Acessado em maio de 2016.

VESENTINNI, Jose William. **Educação e ensino da geografia: Instrumentos de dominação e/ou de libertação.** In: A Geografia na sala de aula. / (Org). CARLOS. Ana Fani A. 8ª. Ed. São Paulo: Contexto. 2006.

_____. **Educação e ensino da geografia: Instrumentos de dominação e/ou de libertação.** In: A Geografia na sala de aula. / (Org.). CARLOS. Ana Fani A. 8ª Ed. São Paulo: Contexto. 2006. p. 17.

_____. **Educação e ensino da geografia: Instrumentos de dominação e/ou de libertação.** In: A Geografia na sala de aula. / (Org.). CARLOS. Ana Fani A. 8ª Ed. São Paulo: Contexto. 2006. p. 20.